

Fontes históricas sobre a presença de araras no estado do Paraná



Fernando C. Straube

Resumo: Há inúmeras citações, na literatura não-oritológica, sobre a presença das duas espécies de arara (*Ara chloropterus* e *Ara ararauna*) em várias regiões paranaenses. Grande parte delas contém detalhes mais do que suficientes para se constituírem de registros de ocorrência e fornecendo, inclusive, localização e datação precisas. Informações colhidas recentemente em obras de crônicas e ligadas à etnografia ou história, trouxeram novos dados e esse respeito, inclusive alterando o conhecimento que se tinha sobre a distribuição geográfica dessas aves. Neste estudo, além de discutir tais fragmentos literários, também alerta-se sobre a importância de fontes históricas como mecanismos de compreensão biogeográfica e especialmente alusivos à história ambiental, considerando-as instrumentos importantes – e de certa forma indispensáveis – ao universo que se concebe atualmente sobre a conservação, ao longo do tempo, de algumas espécies inconfundíveis de aves.

Araras, os grandes e conhecidos psitacídeos multicoloridos de cauda longa, são normalmente associadas a regiões de clima quente e sempre lembradas no imaginário popular como espécies peculiares de biomas como a Amazônia e Pantanal, onde efetivamente são comuns. Graças a isso, constam erradamente ao leigo como aves “estranhas” a muitas regiões sulinas de temperaturas mais amenas.

Devido ao seu porte, colorido e loquacidade inconfundíveis, essas aves figuram com grande frequência na literatura e na tradição oral de todo o Brasil, servindo-se com grande relevância para o reconhecimento da avifauna ocorrente em certas regiões em tempos passados (cf. Saint-Hilaire 1830 e 1847 *contra* Vasconcelos 2007; cf. Choris 1826 e Saint-Hilaire 1851 *contra* Sick *et al.* 1981, Naka & Rodrigues 2000). De fato, quase todos os estados brasileiros contêm registros, confirmados ou especulativos, antigos ou atuais, do gênero *Ara*, do qual o Brasil conta com quatro espécies (Sick 1997, CBRO 2009).

Um tópico importante que se entrelaça a essa discussão, no âmbito nacional, é a menção dos famosos “papagaios vermelhos” já por ocasião de textos sobre a expedição cabralina, tais como a “Carta de Pero Vaz de Caminha”, o “Relato do Piloto Anônimo” e outros documentos, como as missivas dos cronistas Giovanni Matheo Camerini, Bartolomeo Marchionni e Domenico Pisoni (Teixeira & Papávero 2006); tais aves, segundo esses autores, são atribuídas unanimemente às araras-vermelhas (*Ara chloropterus*), consistindo de um registro recuadíssimo para o leste da Bahia, localidade de ocorrência que a maior parte dos autores insiste em omitir.

No âmbito do estado do Paraná, provavelmente a intervenção mais explícita nesse sentido veio do político e historiador Alfredo Romário Martins (1874-1948) que, em 1899, enquanto deputado provincial, sugeriu a adoção do primeiro brasão de armas para o



Figura 1. Casal de arara-canindé (*Ara ararauna*), em foto obtida no Mato Grosso do Sul por Cassiano Zapparoli: www.asasopantanal.com.br.

Paraná. Textualmente assim ele descreve sua proposta: “...e cortando o espaço, o nosso bello pássaro-Arara. Alem destes typos principaes de nossa fauna, vê-se sobre nossas campinas e proximos á margem dos rios – o boi, o carneiro e o cavallo representando a nossa industria pastoril” (Martins 1899). Essa proposição, no entanto, consagrou-se apenas pelo valor histórico, uma vez que não chegou a ser adotada oficialmente. Sua apresentação original não incluiu nenhum atributo para o reconhecimento da espécie que se tratava, tampouco uma indispensável ilustração (Straube 1987). Também é de Romário Martins a citação de uma arara (“**Ara chloroptera** – Arara vermelha”) na primeira lista de aves do Paraná, datada de 1906 e que constituiu-se de um relatório do Museu Paranaense alusivo ao acervo ali mantido (vide Martins 1906, Straube 2005).

Outros autores que igualmente citam araras são Ermelino A. de Leão no “Índice paranaense” (suplemento do “Diccionario historico e geographico do Paraná”): “**Arara**. Ave do genero das trepadoras, familia dos psittacideos, sub-familia dos sittacideos. Ha diversas especies na Provincia. Encontram-se com mais frequencia nos logares quentes.” e “**Canindé**. Uma das variedades de araras, existentes na provincia.” (Leão 1934); e Altamirano Nunes Pereira, na obra “Aspectos meridionais do Brasil”, que é explícito ao se referir à avifauna paranaense: “...papagaios, os periquitos e as araras – da familia Psittacideos” (Pereira 1942).

No campo da toponímia paranaense, são também vários os indicativos sobre essas aves, embora tais considerações mereçam ressaltas quanto à etimologia e principalmente sobre a datação da criação das denominações. O mesmo Romário Martins (Martins 1940), em seu artigo “Vôzes indigenas na toponímia do Paraná”, atribui a seguinte etimologia (equivocada, no ponto de vista biogeográfico), ao topônimo Ararapira (situado na porção norte da Ilha



Figura 2. Casal de arara-vermelha (*Ara chloropterus*), em foto obtida no Mato Grosso do Sul, por Cassiano Zaparoli: www.asasdopantanal.com.br.



Figura 3. Detalhes de alguns pontos escarpados do chamado “Canyon do Jaguaricatu”, ambos no município de Sengés (Paraná). À esquerda, os paredões da Fazenda Realeza, com 150 m de altura e 90 m de largura (Foto: José dos Santos Camargo); à direita, o canyon e a Cachoeira Corisco (Foto: Antonio Liccardo).

do Superagui, Guaraqueçaba): “de *arara-apira*, o cume das araras, o tópo do morro onde vivem as araras, segundo Plínio Airosa. Rio e bairro em Guaraqueçaba.”

Outras localidades com nomes que poderiam ser atribuídos (embora para o presente estudo sequer cogitemos tal encaminhamento) a araras, são o município de Araruna, perto de Campo Mourão; Serra de Araraquara (“buraco das araras”), na divisa sudeste com Santa Catarina; Ribeirão (e lugarejo) das Araras, em Clevelândia; Serra das Araras, nas nascentes do Rio Cavernoso (divisa de Guarapuava e Cantagalo); e Rio das Araras, em três locais, respectivamente os afluentes dos rios Jacarezinho (município de Santo Antônio da Platina), Tibagi (Sertãoópolis) e São João (Paranaguá) (IBGE 1950).

Além dessas menções meramente ilustrativas, encontramos nas últimas décadas indicativos verdadeiramente fidedignos, cada qual com detalhes particulares, sobre a presença, localização e datação de contatos para as duas espécies de araras em território paranaense, os quais são aqui tratados com a merecida profundidade. Não pretendendo ser uma revisão de distribuição estadual, tema já abordado por Scherer-Neto *et al.* (2009), o presente estudo tem apenas pretensões investigativas no campo histórico, considerando-se o ano de 1980 como limite e, principalmente, ressaltando a importância de crônicas e outros relatos informais como instrumento para o resgate de pontos de ocorrência de várias espécies da avifauna.

1. Região nordeste do Paraná (1821)

É da região nordeste paranaense a menção mais recuada de uma espécie de arara neste estado, cabendo à “Expedição Natterer”, realizada entre 1817 e 1835, e liderada pelo naturalista austríaco Johann Baptist von Natterer (1787-1843). Essa viagem, ocorrida pelas facilidades políticas decorrentes da “Abertura dos Portos” (1808) e, por consequência, da chamada “Missão Austríaca ao Brasil” (*vide* Straube 2000, 2008), durou cerca de 18 anos, quando Natterer percorreu quase todo o território brasileiro em busca de amostras da natureza, bem como diversos outros objetos, destinados principalmente ao *Naturhistorisches Museum* de Viena (Áustria) (maiores detalhes em Pelzeln 1871, Goeldi 1896, Ihering 1902, Rokitsky 1957, Pinto 1979, Scherer-Neto & Straube 1995, Straube 1993, Vanzolini 1993, Straube & Scherer-Neto 2001).

Durante a estada no Paraná foi colecionado um único exemplar de arara-vermelha. Esse espécime é comumente atribuído a Natterer mas foi, de fato, colecionado por seu assistente Ferdinand Dominick Sochor, conforme textualmente citado em Pelzeln (1871:255): “*Murungaba von H. Sochor gesammelt, März...*” (“Murungaba coletados pelo sr. Sochor, Março [de 1821]”).

Ocorre que, no trecho alusivo ao Paraná, ambos os colecionadores adentraram juntos o território paranaense (setembro de 1820), mas se separaram em Curitiba (dezembro de 1820), tendo o líder seguido para o Rio de Janeiro via Paranaguá e Sochor, por sua vez, voltado pelo mesmo caminho rumo às forjas de “Ypanema” (hoje Iperó), no Estado de São Paulo. Enquanto Dominick passava pelos mesmos locais anteriormente visitados quando em companhia de seu chefe, ele aproveitava para explorar áreas adjacentes e foi nesse momento que hospedou-se na Fazenda Morungaba, precisamente no mês de março de 1821.

Essa propriedade (atualmente situada no município de Sengés), além de ser uma das mais antigas sesmarias do Período Colonial brasileiro, foi também um ponto de parada e descanso, no caminho tradicionalmente seguido pelos tropeiros que levavam o gado do Rio Grande do Sul a Sorocaba, no começo do Século XIX. Pertencera ao brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar, esposo da Marquesa de Santos e, anos depois, foi visitada por vários naturalistas, como João Leonardo de Lima em 1915 e Emmet R. Blake em 1937 (Straube & Scherer-Neto 2001).

É interessante notar que, ao longo dos séculos, foi apenas Sochor que obteve indício documentado sobre a presença desta espécie naquela região. Menos de um ano antes (janeiro de 1820), o francês Auguste de Saint-Hilaire já estivera colecionando ali, mas sequer menciona a presença destas aves (Saint-Hilaire 1822, 1851, Straube 2009), o que seria mais do que esperado, caso efetivamente as tivesse visualizado. Tampouco os demais coletores que visitaram o local para coleta de aves contribuíram com informações mais recentes e o mesmo se pode dizer sobre o topônimo paulista adjacente, ou seja, Itararé, pesquisado por vários viajantes em quase 110 anos e que nunca resultaram em dados fidedignos, tampouco indicativos sobre a presença destes psitacídeos na região.

Não resta dúvida, por assim dizer, que a arara-vermelha era rara localmente, o que vem a concordar com sua relação biogeográfica muito mais ligada a regiões de clima quente que, no Paraná concentram-se na porção norte e noroeste, áreas que coincidem de fato com a maior parte dos registros colhidos até então (Scherer-Neto *et al.* 2009).

De qualquer forma, embora o registro não seja o mais meridional conhecido para a distribuição da espécie ele é, sem dúvida, o de clima mais frio. A porção nordeste paranaense, especificamente do município de Sengés, onde ainda hoje existem pequenos fragmentos relictuais da vegetação de cerrado encravados em uma matriz com matas de araucária e campos, conta com uma temperatura média anual de 16 a 19 °C, tendo o trimestre mais frio com 12 a 14 °C, inclusive com ocorrência de geadas. Não obstante as limitações climáticas, esse setor geográfico apresenta detalhes orográficos especialmente atrativos para a presença de araras, que são os imensos paredões rochosos que se perfilam pelos rios Itararé e afluentes, fartamente descritos na literatura (Saint-Hilaire 1822, 1851, Maack 1981). Em um desses locais, relativamente próximo da Fazenda Morungaba, estão os *canyons* do Rio Jaguaricatu (Figura 3), formação de vários quilômetros acompanhando esse rio, tendo encostas excedendo aos 100 metros de altura.

2. Vale do Rio Iguaçu (1849)

Em 1987, durante pesquisas na região onde atualmente está a Usina Hidrelétrica de Segredo, fomos informados por um antigo morador da região, na época já radicado em Curitiba, sobre a presença de araras nos paredões (localmente chamados de peraus) que formam a margem pedregosa e fortemente íngreme do Rio Iguaçu. Na entrevista, que ocorreu precisamente no dia 12 de junho de 1987, o entrevistado narrou que, entre os anos de 1961 e 1964, ele avistava eventualmente dois tipos de araras, uma delas “vermelha com asas azuis” e outra “...mais rara, menor, azul-esverdeada, com a base do bico amarela”. Essas informações foram publicadas logo depois (Straube 1988), mantendo-se *Ara chloropterus* e *Anodorhynchus glaucus* na lista de avifauna constatada, mas com indicação interrogativa, apontando para a dúvida acerca do registro. Quatro anos depois, a suspeita foi aproveitada por Collar *et al.* (1992): “*A blue-green macaw with yellow at the base of the bill, smaller and rarer than the Green-winged Macaw Ara chloroptera, was reported by locals as living on the steep banks of the rio Iguaçu in the southwest of the state at roughly 26°S 52°W, 1961-1964; this equally can only have been Glaucous Macaw (Straube 1988). This evidence gives strength to the unsupported reports from the Iguaçu Falls (see under Argentina)*”. Em nossa revisão sobre a avifauna da região (Straube *et al.* 2005), descartamos os registros por atenção aos critérios ali considerados, em especial pela fragilidade – e unicidade – da informação.

Deve-se julgar como improvável (mas não impossível) a presença de araras naquela região paranaense, apesar das notáveis condições orográficas ali existentes, representadas não somente pelos grandes paredões rochosos como pela abundância explícita de pal-

meiras jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) substituídas, nos campos, pelo butiá (*Butia eriospatha*). Informações complementares, inclusive, poderiam ser localizadas mediante profundo estudo de artes plumárias e descrições etnográficas dos índios kaingangues, reconhecidamente típicos daquela região.

Com relação à linguística, retornamos à obra “Actualidade indígena” de Telêmaco Borba (1908: vide abaixo) e sobre o nome indígena referido a certas espécies de aves, talvez colhidos em Guarapuava:

“...**arara** (Cáéi), jacu (Pein), macuco (Uô), nhambú (Dé), passari-nho (Haxin), pato (Peimbéng), papagaio (Cantou), pena (Feiê), perdiz (Coiapêpê), pombo (Petecoin), tucano (Gron) e uru (Pet-puêre)”.

Antes disso já provinham de Guarapuava algumas indicações semelhantes, colhidas por Taunay (1888:253-254) a partir de um informante que residia naquela região (mas talvez intercaladas com dados oriundos do aldeamento de São Jerônimo, no Rio Tibagi): “**Arára – Caég**” e, em nota de rodapé: “O Sr. Borba diz *caéi*; o vocabulário bugre *queág*” (Taunay, 1888:286).

Situação distinta caberia às porções mais ocidentais do Rio Iguaçu, notavelmente à medida em que ele se aproxima da foz e sobre isso há pelo menos um indicativo na literatura histórica paranaense. Cabe ele ao engenheiro baiano Camillo Léllis da Silva que, em meados do Século XIX, foi designado pela Secretaria de Estado dos Negócios da Marinha do Império do Brasil, para participar dos trabalhos de abertura da estrada entre Guarapuava e o Rio Paraná (Moreira 1975).

Esse caminho tinha grande importância estratégica para o Império por servir-se de ligação entre as áreas povoadas do leste da Província com o Rio Paraná, e fôra percorrido e demarcado apenas após a pacificação dos temidos índios dos Campos de Guarapuava (Macedo 1951). Por essa vasta e temida região, muitos expedicionários passaram, mas inexistia uma rota consensual, o que seria imprescindível para a necessária colonização do sertão paranaense. A pretendida ligação entre o litoral, a capital e o “resto do Estado”, era forçada a desviar essa área, evitando contatos com os índios bravios que ali habitavam.

Aberto o “portal hostil” dos campos de Guarapuava, cujos índios haviam sido pacificados pelo Padre Chagas Lima já no início do Século XIX, restava atingir o rio Paraná, consolidando a fronteira imperial e favorecendo a comunicação por terra entre praticamente todo o território da Província. É aí que surge a figura de Léllis da Silva, encarregado de determinar essa nova rota, já planejada (e, em parte, levada a efeito) por outros militares e engenheiros do porte do marechal Henrique de Beaurepaire Rohan, do engenheiro Pedro Aloys Scherer e outros.

Retornando da penosa expedição, Léllis publicou um pequeno diário de viagem na “Revista Trimensal do Instituto Histórico Geographico e Ethnographico do Brasil”, indicando as atividades realizadas dia a dia e, em anexo, uma “Resenha da caça, peixe e abelheiras” (Lellis da Silva 1856). O trecho percorrido seguiu a partir da foz do rio Xagu (hoje município de Laranjeiras do Sul) até a foz do Rio Iguaçu, percorrendo paralelamente ao curso fluvial até os limites ocidentais do Estado do Paraná, na fronteira com a República do Paraguai. A expedição partiu em 23 de maio de 1849, por uma direção basicamente retilínea, desde a “Villa de Belem de Guarapuava” (atualmente Guarapuava) até as margens do rio Paraná (“Rio Paranan”), nas proximidades de onde atualmente localiza-se a cidade de Foz do Iguaçu. Retornou ao ponto de origem em 12 de setembro do mesmo ano, gastando, portanto, 113 dias para completar todo o percurso.

Diversas são as narrativas aproveitáveis quanto a avistagens ou capturas de aves ainda que restritas a espécies de interesse cinegético,

destacando-se a menção e abundância de uma espécie de arara. Isso ocorreu especificamente no dia 1º de Agosto de 1849, quando Léllis da Silva (1856:24) assim se refere à situação:

“*Pelas 4 horas da tarde mandei fazer pouso junto a um pequeno correjo, que denominei das Araras (Ara) pela grande quantidade d'estas aves que encontramos n'este lugar, a 3,050 braças distante do ultimo pouso que deixámos*”.

O grande problema está em localizar o ponto geográfico preciso onde se deu esse contato. Isso porque todo o trabalho de Léllis baseia-se em regiões nunca antes exploradas, de forma que ele forçou-se a nomear pessoalmente os acidentes geográficos, denominações essas que não correspondem aos nomes atuais. Esse registro, no entanto, pode ser atribuído, com certa segurança, ao trecho final de sua peregrinação, talvez entre os rios Represa Grande e dos Índios (cerca de 25°32'04”S e 54°11'01”W), ambos no atual município de São Miguel do Iguaçu, dentro do Parque Nacional do Iguaçu.

Além disso, a contingência da informação até poderia despertar certa dúvida quanto a autenticidade do registro, não fosse a clara indicação ao gênero taxonômico do animal. Cabe lembrar que o autor, nas suas muitas menções a nomes científicos dos animais observados ou capturados, é – em geral – bastante preciso, apesar da adoção da classificação vigente naquela época. Isso fica muito claro no apêndice que incluiu ao seu trabalho impresso, onde vários nomes latinos de mamíferos e aves são apresentados, sendo omitidos aqueles (insetos e peixes) que ele, por falta de competência, não pode identificar.

Com efeito, o Parque Nacional do Iguaçu – mas apenas o setor mais a oeste desta grande unidade de conservação – é reconhecido como área de ocorrência, tanto de *Ara chloropterus* quanto *A. ararauna*. As únicas menções, no entanto, carecem de dados mais detalhados sobre contatos e datas e aludem às indicações de Koch & Bôçon (1994) e Scherer-Neto & Straube (1995), ratificadas por Straube & Urben-Filho (2004).

Recentemente Scherer-Neto *et al.* (2009) adicionaram mais dados sobre a presença histórica de ambas as espécies, baseada em contatos obtidos nos anos 60, quando o autor-sênior do citado estudo “*avistou ambas as araras nas imediações desta unidade de conservação freqüentando propriedades rurais*”. Segundo complementado por esse mesmo autor (P.Scherer-Neto, 2010 *in litt.*), as duas espécies (*A. chloropterus* e *A. ararauna*) foram vistas em 1968 sobrevoando uma grande área de pastagem, na margem direita da estrada atualmente chamada “Rodovia das Cataratas”, pouco depois da ponte sobre o Rio Tamandú.

Outra evidência da ocorrência de araras nessa região surgiu por constatação de indivíduos que eram mantidos em cativeiro no Hotel das Cataratas. Segundo informes orais de funcionários deste hotel (nos anos 60), as araras haviam sido capturadas anos após a fundação daquele hotel, na década de 40; pegadas ainda filhotes para se tornarem mansas, serviam-se como atrativos à curiosidade dos visitantes (Scherer-Neto *et al.*, 2009).

Não resta dúvida, entretanto, que ambas as espécies são raras localmente, em virtude do que se pode deduzir pela carência de registros. O mesmo panorama, portanto de contatos irregulares e ocasionais, observa-se em regiões limítrofes da Província de Misiones na Argentina com relação à arara-vermelha (*Ara chloropterus*). Ali, Chebez (1994:422) assinala a “*avistaje de individuos solitarios, parejas y pequeños grupos en Parque Nacional Iguazú (C.Saibene, com.pess.) y el Parque Provincial Uruguay (H.Foerster, in litt.)*”. Esse mesmo autor (Chebez 1996) ainda fornece outros pontos de registros em Iguazú e Candelaria e, com dúvidas, para Eldorado e General Belgrano.

Por sua vez, há uma constatação relevante da arara-canindé (*Ara ararauna*) de autoria de Jorge B. Nacinovic que, na manhã (entre as

9:00 e 11:00 h) de 16 de fevereiro de 1980, observou dois indivíduos adultos sobrevoando a copa das árvores nas proximidades da chamada “Garganta do Diabo”, um dos pontos daquele complexo turístico (Scherer-Neto & Straube 1995; Diário de Campo de Jorge B. Nacinovic, N° 1, página 62: J. B. Nacinovic, *in litt.*). A autenticidade desse registro foi posta em dúvida por Chebez (1996) que não descartou a possibilidade de se tratarem de indivíduos fugidos de cativeiro. Isso ocorreu, por certo, em decorrência dos dados originais (a poucos quilômetros de fronteira argentina) de Pedro Scherer-Neto (Scherer-Neto *et al.* 2009) não terem sido publicados anteriormente, registros esses que constituem-se, ao nosso entendimento, de dados satisfatoriamente consistentes.

Chebez (1994, 2008, 2009; também Chebez *et al.* 1998), de fato, é o autor que junta racionalia mais convincente para a questão, ressaltando sobre muitas dúvidas ligadas a registros antigos e recentes não somente em Misiones, quanto em todo o território argentino. Segundo sua opinião mais atual, deve-se considerar a arara-vermelha como uma espécie extinta naquele País, cujos registros recentes se devem a animais oriundos de cativeiro; já *Ara ararauna* é tratada como hipotética, sendo que as informações conhecidas deveriam ser baseadas em interpretações não convincentes de relatos antigos e, também, em indivíduos cativos que se aclimataram na região (J. C. Chebez, 2010, *in litt.*).

Sobre a primeira arara, Bertoni (1901:53) assim se refere, com relação aos exemplares por ele obtidos em junho de 1891 em Puerto Bertoni (Paraguai), na fronteira com a Argentina:

“Observ. – Le maté cuando estaba comiendo frutas de Esembechia guatambu, con tres individuos más del mismo tamaño. Tiene las costumbres de la variedad común, y creo ocioso ponerlas aquí, después de haberlas descritas extensamente, un gran número de viajeros y naturalistas antiguos. A menudo se vé á esta especie cruzar el Río Paraná; parece que duerme en la costa argentina para pasar á comer todos los días á la costa paraguaya. Cria dos pollos en agujeros de los árboles más grandes que halla en los bosques, cuidando que sean algo aislados. Sus huevos son blancos. Es la especie más bella entre las del Paraguay”.

O local de registro corresponderia a algum ponto da margem argentina do Rio Paraná entre Puerto Bossetti, Puerto Península e Puerto Iguazú no extremo noroeste da Província de Misiones (Argentina). Localiza-se, desta forma, a pouco mais de 6 km da fronteira com o Brasil, a aproximadamente 9 km a sudoeste dos limites ocidentais do Parque Nacional do Iguazu. Além dessa informação, há outros indicativos da presença da arara-vermelha na Argentina, particularmente de D’Orbigny (1841), Fontana (1888) e Holmberg (1895) nas províncias de Formosa, Chaco, Salta, Corrientes e Misiones, todos organizados por Chebez (2008), inclusive com menções a nove localidades nesta última, sendo quatro delas atribuídas a escapes de cativeiro (Chebez & Casañas 2000).

O que se pode concluir é que tanto *Ara chloropterus* quanto *A. ararauna* ocorreram no passado, e hoje raramente ocorrem, na região do Parque Nacional do Iguazu e, por extensão, poderiam estar presentes também em algumas regiões limítrofes da Argentina. Uma primeira dúvida, no entanto, aponta para o fato de alguma delas, ou ambas, chegarem ou não a penetrar mais pelo interior, a montante do Rio Iguazu. Essa possibilidade, se confirmada, estaria restrita a tempos mais recuados, e apenas poderia ser comprovada mediante análise de fontes históricas adicionais.

A segunda dúvida recai sobre a origem das aves observadas no grande sistema de áreas protegidas fronteiriças do Brasil, Argentina e Paraguai. Seriam as aves, de ambas as espécies (ou parte dos estoques populacionais ali constatados), nativas ou originárias de

cativeiro, mediante escape ou solturas intencionais? Percebe-se que o tratamento merecido não é consensual se consideradas as fontes de registro na Argentina e no Brasil, justamente em uma região que consiste do limite meridional de suas distribuições geográficas. E a possibilidade de resgate das respectivas informações, mesmo aquelas muito antigas, torna-se ainda mais distante da realidade se considerarmos que se tratam de aves de grande interesse comercial, não somente nos tempos modernos (Chebez & Casañas 2000) quanto no passado, por meio de intercâmbios mantidos entre indígenas daquela região e de outros pontos da América do Sul (Chebez 2009).

3. Vale do Rio Tibagi (1865, 1874, 1876)

Ao menos na literatura técnica ornitológica inexistem citações sobre a ocorrência de araras ao longo do Rio Tibagi, implicitamente sugerindo que essas aves ali não ocorressem; essa opinião, inclusive, pareceria definitivamente confirmada pela ampla revisão de Anjos *et al.* (1997) e Anjos & Schuchmann (1997) abrangendo toda aquela bacia hidrográfica.

Sabe-se, porém, da existência de pelo menos três topônimos no terço médio deste rio (a jusante da cidade de Jataizinho) que poderiam ser atribuídos à presença destes psitacídeos. Os dois primeiros, “Cachoeira das Araras” e “Corredeira das Araras” são mencionados por Maack (1981:329 e 331) como situados nas altitudes, respectivamente, de 415 e 310 metros sobre o nível do mar; já o terceiro, a “Ilha das Araras”, situado pouco abaixo, é também lembrado em outras obras históricas paranaenses. Esses topônimos, como veremos abaixo, não se tratam de meras fontes para especulação biogeográfica, mas efetivamente de locais onde pelo menos uma das espécies de arara, a arara-vermelha, ocorreu no passado distante.

Iniciemos considerando a figura de John Henry Elliott (1809-1884), um dos mais célebres exploradores e sertanistas que o Paraná já conheceu. Elliott ficou mais conhecido por sua antiga aquarela retratando a cidade de Curitiba, produzida em meados do Século XIX, mas, coube a ele também a destacada participação no conhecimento geográfico de territórios inexplorados do Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Bigg-Wither 1878:261). Excelente aquarelista e desenhista, mas especialmente cartógrafo (mapista), chegou ao Brasil (Rio de Janeiro) em 1825, como guarda-marinha da fragata *Cyane*. Algum tempo depois, ele conheceu o Barão de Antonina (João da Silva Machado) que logo identificou o valor do jovem desenhista, contratando-o como cartógrafo para expedições pelo interior do Paraná, sob o comando de Joaquim Francisco Lopes.

As viagens de Elliott e Lopes realizadas entre 1845 e 1847, foram subdivididas pelo primeiro (Elliott 1848), em seis “Entradas”. A primeira delas, em 1845, englobou extensos setores ao longo dos “rios Verde, Paranapanema, Paraná, Ivaí e sertões adjacentes” e foi narrada em publicação específica (Elliott 1847, [1857], 1930). As cinco demais descrevem, por partes, as várias viagens feitas a partir da Fazenda Monte Alegre (atualmente no município de Telêmaco Borba) com roteiros que variaram de acordo com a permissão das circunstâncias. Aludem, respectivamente, os trechos entre essa fazenda e os campos do Inhonhô (2ª Entrada), deste local até o futuro aldeamento de São Jerônimo (3ª Entrada), depois dali até a Cordilheira do Congonhas, perto da foz do Tibagi (4ª Entrada), trajeto repetido logo depois (5ª Entrada) e, então, o longo percurso entre essa confluência, já no Paranapanema, e o Forte de Miranda, no Mato Grosso do Sul (6ª Entrada). Essas cinco viagens foram profundamente tratadas em 1848, em artigo publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, também de autoria de Elliott (1848), encaminhado e assinado pelo Barão de Antonina, sócio correspondente daquela instituição.

Durante a última viagem, iniciada em 14 de junho de 1847, “*para descobrir um transitio fluvial (embarcando no rio Tibagy) para a província de Mato Grosso*”, partiu o grupo pelo Rio Tibagi a partir do Aldeamento de São Jerônimo (hoje município de São Jerônimo da Serra), passando por matas de grande porte (“magníficas”, nas suas palavras), palmitais com “*gigantescas perovas, pao d’alho, figueiras e outras arvores soberanas das florestas*” e várzeas, eventualmente com formações insulares pedregosas revestidas por sarandis.

No dia 1º de julho chegam a um ponto especial (Elliott 1848):

“*1º de Julho. – Seis leguas para baixo da ilha passámos tres corredeiras; logo adiante da segunda entra pelo lado direito o ribeirão das Congonhas, e menos de meia legua para baixo d’este começam os baixios das Sete Ilhas, que continuam até á ilha das Araras quasi uma legua; mas estes baixios pouco estorvam a navegação*”.

A Ilha das Araras situa-se, assim, a cerca de 5 km (quase uma légua) a jusante das Sete Ilhas, correspondendo mais ou menos às adjacências do ponto denominado, por Telêmaco Borba (*vide* abaixo), de “manso das Araras”. Mapas antigos (Abreu *et al.* 1896, Maack 1953) mostram de fato essa ilha, indicando com certa precisão a sua localização geográfica, que aqui consignamos a 22°51’54”S e 50°56’43”W.

Quase duas décadas depois dessa expedição de Elliott, surge agora outro personagem, igualmente famoso na história do Paraná. Trata-se de Franz Keller-Leuzinger (1835-1890), um engenheiro e desenhista que veio ao Brasil em 1858, acompanhando seu pai Joseph Keller e o irmão Franz Ferdinand Keller (1842-1922), também pintor. Em 1864, os dois primeiros foram contratados pelo presidente da Província do Paraná (André Augusto de Pádua Fleury) para realizar estudos técnicos de planejamento de estradas de rodagem, ferrovias e uma série de estudos hidrográficos e cartográficos. Teriam em parte a atribuição de continuar o trabalho do engenheiro alemão Gustav Rumbelsperger que investigou (entre setembro e dezembro de 1864) a possível utilização do rio Ivaí como via de comunicação (Maack 1981).

Um ano depois, passaram ambos a inventariar o rio Ivaí desde a Colônia Teresa Cristina até sua foz, no rio Paraná. Depois disso, exploraram o percurso do rio Paranapanema e nivelaram o rio Tibagi desde a sua desembocadura até Jataí; em seguida, voltaram a Ponta Grossa, passando por São Jerônimo da Serra, Fazenda Monte Alegre e Tibagi, permanecendo 10 meses no interior ainda virgem do Paraná (Maack 1981:53). A exploração tinha como objetivo principal o reconhecimento dos locais a serem considerados como rota e pontos de parada para um imenso eixo de ligação ligando o Porto de Antonina à cidade de Miranda (Rio Mondego), no Mato Grosso do Sul.

Os relatórios dos Keller foram publicados por vários meios mas nunca integralmente (p.ex. Keller & Keller 1933a,b *in* Maack 1981); a melhor coletânea encontra-se transcrita na obra de Altamirano Nunes Pereira (1942:157-227) em dois capítulos, um sobre o rio Ivaí e, o outro, sobre os rios Tibagi e Paranapanema. O segundo deles, que aqui nos interessa, foi enviado de Curitiba em 27 de dezembro de 1865 e refere-se aos rios Tibagi e Paranapanema. O tópico mais importante desse relato é:

“*Segue-se a corredeira das Araras, e continua a do Biguá. A primeira tem de notável uma pequena ilha, situada no meio do rio, e em cujo barreiro ajuntam-se de ordinário numerosos bandos daqueles pássaros de côr vermelha; e sobre isto grandes matas de palmeiras, que bordam ambas as margens*”.

Alude, portanto, não somente a uma corredeira, mas também à formação fluvial insular contígua a ela, já citada por Elliott. A bre-

ve indicação permite ainda identificar – com toda a certeza – a espécie mencionada (*Ara chloropterus*) e a data do contato: 15 de agosto de 1865.

A ocorrência de araras no Rio Tibagi, porém, não se baseia apenas nos relatos de Elliott e dos Keller. Outra fonte documental, agora muito mais robusta e rica em detalhes, cabe a outro notável explorador. É Thomas Plantagenet Bigg-Wither (1845-1890), engenheiro civil que, em agosto de 1872, adentrou à equipe de engenheiros da *Parana and Mato Grosso Survey Expedition*, comandada pelo sueco Christian Palm e que tinha como atribuição atender a uma ordem sancionada por D. Pedro II com a finalidade de reconhecer, inventariar e proceder estudos geográficos na Província do Paraná.

Uma das equipes de Palm ficou encarregada de explorar o rio Paraná e, a outra, o Rio Ivaí. Bigg-Wither, aos 27 anos de idade, engajou-se nessa última, realizando sua expedição por dois anos, não obstante uma enormidade de dificuldades encontradas e mesmo desistências de alguns colegas, em virtude de problemas de saúde. As complicadas questões logísticas de acesso pelo rio Ivaí, assim como a prevista “insalubridade” do Rio Paraná, levaram a equipe de Thomas a planejar uma rota alternativa, considerando então o Rio Tibagi, que acabou sendo totalmente explorado entre maio e setembro de 1875 (Bigg-Wither 1876).

Retornando à Inglaterra em 1875, ele apressou-se em divulgar os seus resultados, de forma que em 12 de junho do ano seguinte, apresentou uma palestra para a *Royal Geographical Society*, o que mereceu amplas discussões sobre os “distantes e longínquos sertões da Província do Paraná”, suas características naturais (em especial as jazidas de diamante) e as possibilidades de colonização por meio dos acidentes fluviais ali existentes. Seu foco era o Rio Tibagi, que acabou descrito, mapeado e reconhecido por meio de um artigo de sua autoria, denominado “*The valley of the Tibagy, Brazil*”, publicado pela secular instituição londrina (Bigg-Wither 1876).

Ali, ele não somente explica quais as circunstâncias de sua viagem mas define, com materiais e provas colhidas *in situ*, quais as vias terrestres e fluviais que poderiam ser utilizadas, levando-se em conta as características geográficas, geológicas, climáticas e hidrológicas da região, bem como a natureza e presença de aldeamentos indígenas. O trabalho é, sem dúvida, uma das melhores descrições conhecidas sobre o Rio Tibagi, ao qual o autor anexou um excelente mapa hidrográfico na escala 1:250.000.

Em 1878, Bigg-Wither publicou a sua obra-maior, o “*Pioneering in South Brazil*” onde, em dois volumes e mais de 700 páginas, descreve toda a sua viagem com riquíssimos detalhes e valiosas notas de apêndice. A contribuição de Bigg-Wither, particularmente a contida neste livro, é verdadeiramente incalculável, tanto pela envergadura de sua obra, quanto pelo detalhamento dos eventos, das condições sócio-culturais da época, das paisagens e dos animais e plantas que observava. Outro destaque é o seu foco geográfico, exclusivamente voltado ao Paraná, tratando de locais ainda inexplorados e desconhecidos, ao menos sob a sua peculiar visão multidisciplinar. Por esse motivo, é um dos autores mais conhecidos na historiografia paranaense, em virtude da documentação que colheu e da importância dela na compreensão de vários assuntos ligados ao estado.

O livro é originalmente dividido em dois volumes, que somam quatro partes, sendo essa última com nove capítulos totalmente alusivos ao Rio Tibagi. A viagem começa em maio de 1874 na antiga vila de Conchas, passando pela foz do Rio Pitangui e, enfim, com a chegada à cidade de Tibagi. Nesse local, Bigg-Wither associa-se ao sertanista Telêmaco Borba, cuja experiência e conhecimento geográfico da região serviram de credenciais para a exploração fluvial. Passando pela Colônia do Jataí, depois de alguns percalços em decorrência de corredeiras e cachoeiras, chegou afinal à “Ilha das

Araras”. Desta vez, o tratamento dado ao contato com essas aves é bastante profundo, inclusive com a descrição da técnica utilizada pelos índios para a captura (Bigg-Wither 1878:281-283):

Shortly after this occurrence, after again resuming our course, we passed a small island, known as the Ilha das Araras, from which a flock of many hundreds of blue and scarlet macaws (araras) rose from the trees and from the ground where they had been dirt eating. On the bank we observed a schosse which had been built by the Coroados Indians for the purpose of capturing these magnificent birds, whose flesh they much enjoy, and whose feathers they use on the festive garments. A schosse of this land is merely a tiny hut constructed of bamboo stems, and thinly roofed over with palm-leaves resting on a bamboo framing. It is made of the smallest possible size so as just to admit one man; the sides also are carefully draped with palm-leaves, so as perfectly to conceal the hunter inside from the birds. The macaws when first the schosse is built naturally fight shy of it, and the hunter keeps away. In a day or two, however, they become accustomed to the new erection, and begin to perch upon its roof as a convenient resting-place near to their favourite dirt. The hunter now comes at earliest dawn and conceals himself within the schosse. As soon as it is daylight the macaws come as usual in crowds from the forest, some perching, all ignorant of the lurking foe within, upon the covering of the schosse. A sudden jerk, a shriek abruptly stifled, and down one disappears, through the treacherous palm leaves, spreading a momentary alarm amongst the others which rise up for a moment, screaming like a flock of rooks, to look around them. Finding, as they think, all quiet, they again descend to their feeding-places. The operation is repeated—another bird disappears through the roof of the schosse—and again the flock takes alarm. This time it is rather slower in returning to the ground, and many of the older and warier birds steer away for the forest and return no more. The concealed hunter meanwhile watches quietly through the interstices of the leaves of his abode till once more an unwary bird alights upon the roof. Thus he goes on bagging the birds, till, after about the sixth or seventh alarm, the entire flock takes wing to the forest and returns no more that day. Now it is time to give the schosse a rest, or the macaws will forsake the spot for good and all; once a fortnight being generally as much as they will stand of this nervous kind of work.

“Pouco depois desta ocorrência, depois de novamente termos retornado ao nosso curso, passamos por uma pequena ilha, conhecida por Ilha das Araras, onde um bando com muitas centenas de araras azuis e vermelhas voaram a partir das árvores e do solo onde estavam comendo no barreiro. Nas margens observamos uma choça construída pelos índios Coroados com o propósito de capturar essas aves magníficas, cuja carne eles muito apreciam e cujas penas usam em suas vestimentas festivas. A choça ali situada é meramente uma cabana pequena construída com bambus e finalmente coberta com folhas de palmeiras, repousadas sobre a estrutura de bambus. Ela é feita com dimensões menores possíveis, de forma a abrigar apenas uma pessoa; os lados são cuidadosamente recobertos com folhas de palmeiras, de forma a ocultar totalmente o caçador para as aves. As araras, quando a choça foi construída, tornaram-se primeiro naturalmente tímidas, forçando o caçador a manter-se distante. Em um dia ou dois, porém, elas passam a se acostumar com a nova edificação e, então, chegam a pousar em seu telhado adotando-o como poleiro adequado nas proximidades dos barreiros preferidos. O caçador então, para lá dirige-se logo ao amanhecer e esconde-se dentro da choça. Logo aos primeiros raios de sol, as araras chegam em multidões a partir da floresta, algumas pousando na cobertura do casebre, mas todas ignorando o inimigo ali oculto. Um movimento repentino, um som qualquer sufocado e

uma delas desaparece através das traiçoeiras folhas de palmeira, espalhando um alarme momentâneo para as demais, que voam por alguns momentos, gritando como um bando de corvos e observando ao redor. Julgando, como elas pensariam, tudo tranquilo e calmo, retornam de novo aos seus locais de alimentação. A operação é repetida: outra ave desaparece por cima da cobertura da choça e novamente o bando dá o alarme. Dessa vez elas demoram mais tempo para voltar ao chão e muitas das mais velhas e mais tímidas recolhem-se para a mata, sem retornar. O caçador escondido, enquanto isso, observa quieto através dos interstícios das folhas até que outro pássaro desatento pouse na cobertura. Então ele vai capturando as aves até que, perto do sexto ou sétimo alarme, todo o bando alce voo para a floresta e não mais retorne naquela dia. Então agora é tempo da choça descansar, caso contrário as araras irão todas embora; esse período é de cerca de uma quinzena de dias, sendo o tempo suficiente para realizar esse tenso tipo de trabalho.

Bigg-Wither ficara realmente tão impressionado com as aves belíssimas e com os modos adotados para sua caça, que solicitou a um índio que capturasse uma daquelas para levar à Inglaterra (Bigg-Wither 1878:283):

On my return to Jatahy, ten days later, I engaged a Coroado Indian to capture one of these birds for me alive. He did so, and I gave him 3\$000 (say 6s.) as payment. He was much astonished at the munificence of the sum, and offered to get me as many more as I liked for a milreis (2s.) apiece. Unfortunately, as it happened, I declined the offer. The individual I had thus obtained escaped about a month later, and when afterwards I tried to replace it from the live stock market in Rio de Janeiro, I found I could not buy one under £5.

Ao retornar a Jataí, dez dias depois, eu encarreguei um índio Coroado de capturar uma destas aves viva para mim. Ele assim o fez e dei-lhe 3\$000 (leia-se 6 s.) como pagamento. Ficou muito espantado com a minha generosidade e ofereceu-se para apanhar quantas eu quisesse por mil réis (2 s.) cada uma. Infelizmente, como realmente aconteceu, eu declinei da oferta. O exemplar que eu assim obtive escapou um mês depois e quando, mais tarde, eu tentei substituí-lo no mercado do Rio de Janeiro, notei que não encontraria outro para comprar por menos de 5 libras esterlinas.

Já de volta à Colônia do Jataí, Bigg-Wither ainda permaneceu ali por quase um mês, esperando que as águas do Tibagi baixassem um pouco, visto ter havido naquele tempo uma grande inundação. Segundo ele, aproveitou sua estada para visitar a aldeia de índios Coroados ali próxima (Aldeamento de São Pedro de Alcântara, na época chamado de “Colônia Nova” segundo Bigg-Wither 1876a). Nesse local, obtive uma curiosa roupa enfeitada com penas de aves (Bigg-Wither 1878:287 e 288), descrevendo a situação (vide Figura 4):

I made a collection of their several manufactures, which included a beautifully woven shirt and various fancy costumes and head-dresses of feathers. In the illustration I have shown one of these curious feather-dresses, which are manufactured entirely of bark-fibre and the feathers of toucans, macaws (araras) and other bright-plumaged birds.

Fiz uma coleção de várias manufaturas, incluindo uma vestimenta lindamente tecida, várias fantasias e um ornamento cefálico de penas. Na ilustração eu mostro uma dessas curiosas roupas feitas de penas, que são feitas inteiramente de penas de tucanos, araras e outras aves de plumagem brilhante.



Figura 4. Índio Coroado, paramentado por vestimenta feita com penas de tucanos, araras e outras aves brilhantes (Fonte: Bigg-Wither 1878:288).

Todas essas informações são mais do que suficientes para reconhecer a presença da arara-vermelha (*A. chloropterus*) no Rio Tibagi, ao menos em seu terço final. A julgar pelas impressionantes narrativas, bem como a notável riqueza de localidades que levam o nome destas aves, pode-se inclusive admitir que fossem bastante comuns (“...many hundreds”) ali, desde logo alguns quilômetros a jusante da Colônia Militar do Jataí até perto de sua foz, no Rio Parapanema. Há a discreta possibilidade de que Bigg-Wither também tenha mencionado a presença da arara-canindê (*A. ararauna*) o que, entretanto, não fica bem claro em sua descrição. No trecho “a flock of many hundreds of blue and scarlet macaws (araras)”, restam dúvidas sobre se tratarem de duas espécies: “uma azul, outra vermelha” ou uma única: “azul e vermelha”. A arara-vermelha, sobre a qual não resta dúvida de estar nesse grande bando, apresenta efetivamente as asas azuis, que são bordadas por grandes manchas verdes nas asas, o que torna o problema insolúvel.

Em seguida, aparece Telêmaco Augusto Enéas Morosini Borba (1840-1918), cuja existência se notabilizou por várias intervenções em diversos campos do conhecimento, mas também consagrado como explorador e sertanista, além de político e escritor. Iniciou suas atividades como dirigente do Aldeamento de São Pedro de Alcântara (atualmente em Ibiporã) e, depois, teve influência na criação e estabelecimento de outros núcleos indígenas, especialmente no Paraná. Publicou diversos artigos e opúsculos, sejam por iniciativa própria, sejam em periódicos científicos e que, geralmente, versavam sobre etnologia e linguística indígena. Elegeu-se deputado provincial por nove legislaturas, foi vice-presidente da Província do Paraná e prefeito de Tibagi em oito gestões, além de inúmeros outros cargos do Executivo, ligados à

educação e segurança públicas. Faleceu em Tibagi vitimado pela Gripe Espanhola sendo, posteriormente, homenageado com o batismo de um município que leva o seu nome.

Entre 1º de janeiro e 14 de fevereiro de 1876, ele e seu irmão Nestor (ex-combatente da Guerra do Paraguai) associaram-se a um grupo de expedicionários e indígenas locais com a finalidade de realizar uma arrojada viagem de exploração pelo norte e noroeste do Paraná. Partiram da Colônia Militar do Jataí (hoje cidade de Jataizinho) descendo o Rio Tibagi e, em seguida, tomando o rumo do Rio Parapanema chegaram ao Rio Paraná na região das Setes Quedas, em Guaíra. Essa empreitada obedeceu a uma determinação do presidente da Província do Paraná, Adolfo Lamenha Lins (1845-1881), em mais uma das intervenções políticas visando a comunicação do Paraná com o Mato Grosso do Sul, Paraguai e Bolívia por meio de uma ferrovia, por muito tempo idealizada pelo governo imperial. Conhecendo a dificuldade de se transpor o Rio Paraná na altura das Sete Quedas, na cidade de Guaíra, incumbiu os dois sertanistas da exploração geográfica do local, daí a razão do itinerário percorrido. Regressaram pelo mesmo caminho, depois de investigar o trajeto fluvial do Rio Piquiri e fazendo algumas incursões nas adjacências do Mato Grosso do Sul.

A épica viagem gerou a publicação de duas narrativas, uma por parte de Nestor, outra de Telêmaco. A mais conhecida, concluída textualmente em “14 de março de 1876” foi intitulada “*Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo capitão Nestor Borba – notas e considerações geraes pelo engenheiro André Rebouças*”, mas publicada apenas 22 anos depois (Borba 1898). Nesse artigo, lançado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, consta o texto original de Nestor, com anotações de rodapé do engenheiro André Pinto Rebouças e um excerto (Rebouças 1898), assinado por esse último, que também estava fortemente envolvido com a questão do desenvolvimento ferroviário no Paraná.

Não obstante o relatório de Nestor ter sido publicado sob divulgação nacional, também Telêmaco decidiu divulgar suas impressões sobre a viagem. Sua crônica apareceu no livro “*Actualidade indígena*” (Borba 1908), abrindo para isso, um capítulo nesta obra, denominando-o “Do Jataí ao Salto do Guaíra”. Nesse texto, de enorme valor histórico, Telêmaco é muito mais cuidadoso do que seu irmão ao mencionar os elementos da natureza visualizados.

A algumas dezenas de quilômetros depois da Colônia de Jataí, portanto, no primeiro dia de viagem (1º de janeiro de 1876) já menciona aves por ele observadas (Borba 1908:142):

“*À tarde entraram os exploradores nas regiões deshabitadas; principiaram a avistar alguns passaros das famílias dos papagaios, como sejam: araras, maitacas, maracanans, jandaias, etc.; pombos pardos e mesmo uma ou outra jacutinga, porem todos ainda muito ariscos...*”.

A descrição mostra claramente a riqueza da avifauna local, com a presença de psitacídeos em profusão, inclusive araras. Cabe lembrar que em algumas regiões paranaenses, a maracanã (*Primolius maracana*) pode ser eventualmente chamada de “arara” em virtude de seu porte mais avolumado em comparação com outras espécies verdes da família; no entanto, a clara distinção vernácula oferecida pelo autor, parece suficiente para julgar como fidedignas as informações e diferenças notadas pelo explorador.

Considerando-se a cronologia indicada, essa área localiza-se aproximadamente a um terço do percurso feito pelo Tibagi, particularmente na região limítrofe entre os atuais municípios de Jataizinho, Ibiporã e Rancho Alegre. Isso porque afirmam ter percorrido todo o trecho entre o ponto de saída e a foz do Rio Tibagi em apenas dois dias de viagem (entre as 9:00 h da manhã do dia 1º e

as 8:00 h do dia 3 de janeiro), apontando algumas características geográficas mais peculiares. Esse local é referendado como apresentando uma ilha, chamada Ilha dos Cágados (situada na foz do rio de mesmo nome; vide Martins 1921), onde consta ocorrer desovas destes répteis (talvez *Phrynops geoffroanus*, segundo R. S. Bérnils *in litt.*, 2009) nas praias arenosas da margem fluvial. Analisando-se cuidadosamente tais detalhes, pode-se sugerir como localidade de ocorrência o ponto situado aproximadamente em 23°08'35"S e 50°57'38"W, coordenada essa que teria cerca de 10 km de erro para sul a para norte. Considerando as informações discutidas abaixo, também é lícito admitir que a espécie envolvida seria *Ara chloropterus*, em virtude da distribuição conhecida para essa e sua congênica (Scherer-Neto *et al.* 2009) e também pela ausência de distinção, na narrativa original.

Seguindo pelo rio, agora Telêmaco (Borba 1908:144) cita outros dois topônimos fluviais com origem ornitológica:

“...Das Sete Ilhas para baixo o rio é composto de corredeiras, rápidos e cachoeiras numa extensão de 18 quilômetros, até sahir ao manso das Araras; desse ponto em diante, até sua foz no Paranapanema, o manso é interrompido apenas pelo rápido de S.Xavier e baixio do Jacú; sendo tudo o mais calmo e fundo. A's 5 horas da tarde acamparam na foz do ribeiro do Jacú, onde fizeram grandes caçadas deste gallinaceos que é excelente manjar...”

Esse assim chamado “manso das Araras”, de acordo com a descrição, está atualmente submerso pelo Reservatório da UHE-Capivara, a – como dito – 18 km a jusante das Sete Ilhas (vide Martins 1921), ou seja, a região perto da ponte sobre o Rio Tibagi na rodovia PR-323 (23°01'33"S e 50°53'10"W), acesso rodoviário que liga as cidades de Assis e Londrina. Sua localização aproximada, desta maneira, seria a pouco mais de 5 km a montante da foz do Rio Tibagi, entre os atuais municípios de Primeiro de Maio e Sertaneja. Maack (1981:331) também menciona essa característica fluvial: “Entre as corredeiras Biguá e das Araras encontra-se um dos raros trechos calmos do rio, isto é, sem rápidos”.

4. Vale do Rio Ivaí (1921)

Excetuando-se as zonas próximas à sua foz, então discutidas no item alusivo (vide Vale do Rio Paraná), inexistem até o presente quaisquer informações confiáveis sobre a presença de araras ao longo do Rio Ivaí. No entanto, cabe uma avaliação profunda sobre algumas citações disponíveis na literatura, abaixo argumentadas.

A primeira delas refere-se a Alberto Pinto de Carvalho, político e funcionário do fisco federal que se transferiu, por volta de 1907, para a cidade de Prudentópolis (nascentes do Rio Ivaí) onde tornou-se célebre pelos conhecimentos adquiridos sobre a fauna local. O pouco conhecido - e provavelmente raro - livro de sua autoria, “Manual do caçador ou Caçador brasileiro”, publicado em São Paulo no ano de 1924, é um exemplo disso. A obra, mais calcada na experiência do autor nas regiões central e sul do Paraná, volta-se à caça e às características das espécies cinegéticas, incluindo ensinamentos sobre doses de pólvora e tamanho de chumbo para as recargas de munição, bem como informações sobre raças de cães mais adequadas e de como treiná-las particularizadamente. Apenas com essa descrição, pode-se notar que o livro não é pretensioso, nem quer divulgar informações técnicas ou cientificamente comprovadas, como o próprio autor admite logo na apresentação. Entretanto, não é difícil reconhecer de imediato que muitos dos dados presentes na obra são fidedignos, mesmo que subsidiados por puro e autêntico conhecimento popular.

Quase todos seus relatos são genuinamente paranaenses, tal como pode-se notar logo ao início de cada crônica pelas cidades ali

citadas (Prudentópolis, Clevelândia, Palmas); apenas uma, não relatada como se fosse experiência própria, sucedeu-se em “*uma aldeia do centro do Paiz*”. Desta forma, não é na tentativa de dar um respaldo “científico” ou geográfico que está o valor deste livro e sim, pelas mais ou menos ricas descrições das aves comumente caçadas no interior do Paraná e, especialmente, pelas denominações populares utilizadas regionalmente.

Particularmente no caso do grupo dos “Papagaios”, assim por ele denominados e abrangendo a Seção VIII (Carvalho 1924:32), faz a seguinte menção:

“Dividem-se, entretanto, em dois grupos distintos, a saber: Papagaio propriamente dito (família Pioninae) de cauda curta; e os mais da cauda comprida (fam. conirunae). Ao primeiro grupo pertencem o Xarã, o Curraleiro, o Peito-roxo, a Maitaca, a Sabiacica, o Periquito, etc., etc. E do segundo fazem parte a Arara, a Maracanã, a Araguahy, a Catorra, a Teriba, o Toym, etc.”

Como se vê, embora o texto mereça um certo crédito histórico pela narrativa em si, não há qualquer indício de que essas espécies tenham sido verificadas em alguns locais paranaenses por ele mencionados, tratando-se tão somente de uma lista descompromissada de aves que provavelmente lhe vieram à mente no momento da redação. Por essa razão, embora todo o trabalho de Carvalho tenha sido focado na região do alto Rio Ivaí, não há como considerar essa informação para os propósitos do presente estudo.

O outro personagem ligado à temática geográfica é Vladimir Kozák (1897-1979) que foi um engenheiro, desenhista, pintor, escultor, fotógrafo e, com efeito, um dos primeiros cinegrafistas que se dedicaram, entre outros temas, à natureza paranaense, com especial destaque aos povos indígenas, sobre os quais produziu imensa obra iconográfica, fotográfica e videográfica. Com sua irmã (também artista) Karla, chegou ao Brasil em 1923, recém-formado em engenharia. A partir de 1924 já visita aldeias kaingangues e, depois disso, prossegue o seu produtivo trabalho de resgate visual dos índios brasileiros, durante mais de 30 anos. Entre 1947 e 1961, foi designado chefe da Seção de Cinema Educativo e Documentação Fotográfica do Museu Paranaense, cargo esse que, embora dando-lhe o devido respaldo institucional, pouco contribuiu com suas várias expedições, quase todas feitas com seus próprios recursos. Dentre milhares de metros de filmes de rolo, alguns deles editados, e muitas fotografias e anotações de campo, o seu legado foi parcamente reconhecido, ainda que tenha servido como base fundamental para pesquisas etnográficas em todo o Brasil.

Em 1950, absorvido pela Universidade Federal do Paraná, Kozák foi convidado pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI, hoje Funai) a participar de uma expedição que buscava um grupo de indígenas que havia sido indicado como ocorrente na região do Rio Ivaí, na Serra dos Dourados (hoje município de Ivaté). Ali permaneceu por vários dias até que localizou, com seus colegas, 16 indivíduos dessa etnia, acampados em uma borda de floresta. Dois meses depois, Kozák retornou à região, em companhia do antropólogo José Loureiro Fernandes e, até o ano de 1974, teria feito pelo menos mais 10 visitas aos Xetás, sendo que – em 1960 – ele teria sido o primeiro a obter farto material fotográfico sobre seus costumes (R.L.Carneiro *in* Kozák *et al.* 1979).

Tais documentos, colhidos por Kozák, foram a matéria-prima de sua obra maior, publicada em co-autoria com David Baxter, Laila Williamson e Robert L.Carneiro: “*The Héta indians: fish in a dry pond*” e, dois anos depois, traduzido ao português em um dos números do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense (Kozák *et al.* 1979, 1981). Nesse artigo, os autores relatavam a surpreendente descoberta deste grupo de

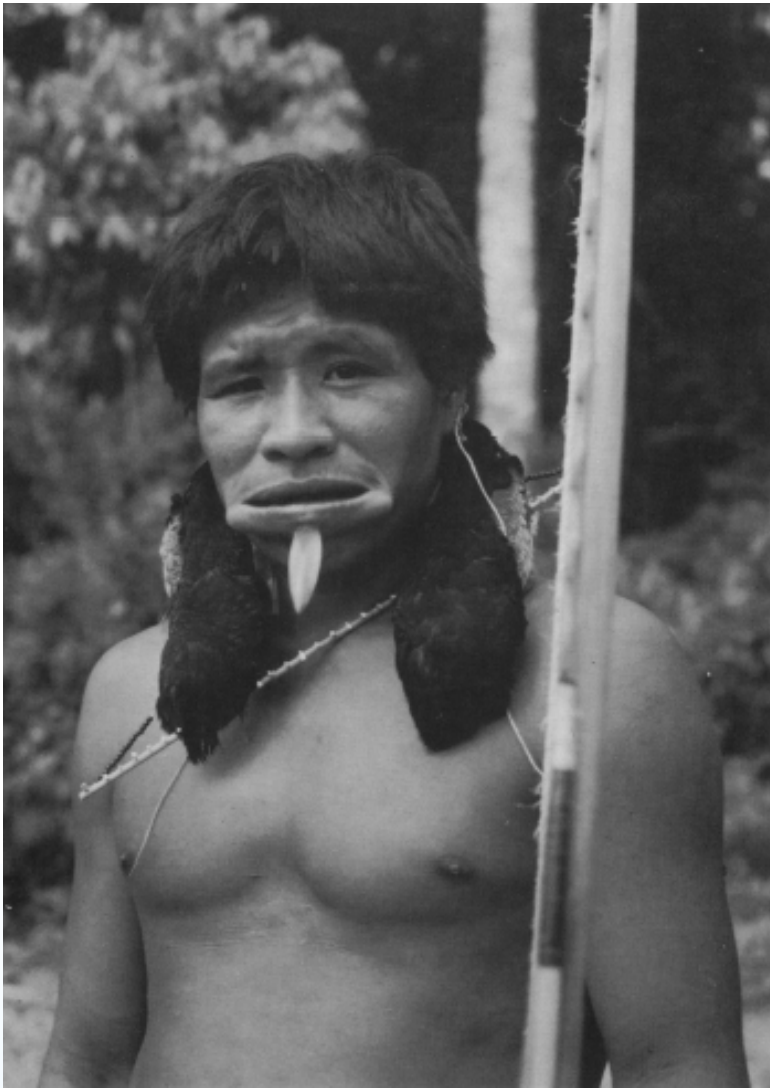


Figura 5. À esquerda um índio Xetá, ornando tembetá de resina vegetal na boca e adornos auriculares (brincos) de couro de pavó (*Pyroderus scutatus*). À direita (acima), dois curumins mostram o fruto da caçada: um surucuá-de-barriga-vermelha (*Trogon surrucura*) e um pica-pau-rei (*Campephilus robustus*); dois filhotes do gavião sovi (*Ictinia plumbea*) são mantidos como xerimbabos (à direita, abaixo) (Fonte: Kozák et al. 1979).

índios (Hêtas ou Xetás), com detalhes sobre o mais completo isolamento que se encontravam até então.

Cabe aqui ressaltar, porém, que trata-se essa de uma obra póstuma. Ela não teria sido escrita efetivamente por Kozák e sim pelos demais autores que basearam-se “...on notes and photographs made by Mr. Kozák before the disappearance of the Héta and this culture” (Kozák et al. 1979:353). Ele teria, por correspondência postal, apenas participado de alguns ajustes no texto, que ficou concluído poucos meses antes de seu falecimento e, desta forma, sequer chegou a folhear a versão final impressa.

As citações de animais constatados por Kozák, embora delas não sejam perfeitamente claras as suas origens, são particularmente interessantes, visto que auxiliam no conhecimento da avifauna de uma região cujos ambientes naturais foram completamente erradicados e cuja documentação acabou por ser quase que totalmente perdida. Entretanto, a intervenção dos demais autores da obra parece ter criado uma série de confusões no tocante a certos registros de espécies, cuja distribuição não concorda completamente com o conhecimento ornitogeográfico até então disponível.

Uma fonte que poderia gerar especulações sobre a presença de araras na Serra dos Dourados seria um pequeno fragmento que, por sinal, aparece diferente nas versões em inglês e português (respectivamente Kozák et al. 1979:388-389 e 1981:63) e que é abaixo transcrito para confronto:

Several species of birds were hunted for food by the Héta, including the Toucan (Ramphastos sp.), macaw (Ara sp.), chachalaca (Ortalis sp.), jacú (Penelope superciliaris), oropendola (Gymnostinops sp.), and curassow (Crax sp.).

“Algumas espécies de aves eram apanhadas pelos Héta para alimentação, inclusive o tucano (*Ramphastos*), a arara (*Ara*), o aracuã (*Ortalis*), o jacú (*Penelope superciliaris*), o japú-guaçu (*Gymnostinops*) e o mutum (*Crax*)”.

A diferença entre os dois textos mostra claramente que a versão original foi adulterada na tradução, pela substituição de espécies de identificação assumidamente inviável por gêneros de identificação definitiva. Essa sutileza literária acabou gerando uma interpretação errônea, em especial nos três casos (*Ortalis*, *Gymnostinops* – atualmente *Psarocolius* – e *Crax*) em que caberia – no âmbito geográfico paranaense – apenas o reconhecimento de uma única espécie para cada um destes gêneros.

O recurso do “sp.” para indicação de espécies cuja identidade não foi possível (ficando apenas garantido o reconhecimento do gênero taxonômico), deixa claro, no caso acima transcrito (Kozák et al. 1979), que os autores não consultaram fontes confiáveis para a citação das espécies de aves. Isso porque as duas únicas espécies do gênero *Ramphastos* que ocorrem na região noroeste (*R.toco* e *R.dicolorus*), bem como de araras (*A.chloropterus* e *A.ararauna*) e

as únicas espécies de japu-guaçu (*Psarocolius decumanus*) e de mutum (*Crax fasciolata*) poderiam ser seguramente identificadas. Com isso, se os autores mencionam *Ramphastos* sp., *Ara* sp., *Ortalis* sp., *Gymnostinops* sp. e *Crax* sp., essa parece ser uma prova mais do que clara de que pouco embasamento ornitológico possuíam para as citações.

Ademais, dentre o vasto material que pudemos consultar pessoalmente, em vídeo (acervo do Museu da Imagem e do Som de Curitiba), artefatos de arte plumária, como armas e adereços (acervos do Museu Paranaense de Curitiba e do Museu de Arqueologia de Paranaguá), diários de campo redigidos em tcheco pelo próprio Kozák e fotografias por ele obtidas (acervo do Museu Paranaense), assim como na representativa série de espécimes ornitológicos obtidos por A. Mayer durante as mesmas viagens para estudos daqueles índios (vide abaixo), não nos foi possível encontrar sequer traços indicativos que endossassem a presença de araras naquela região.

Há, ainda, várias outras passagens em Kozák *et al.* (1979, 1981) que permitem notar a fragilidade da assessoria técnica prestada aos autores no tocante à identificação das espécies mencionadas. Uma delas, notável, diz respeito ao “urubú-rei (*Sarcoramphus papa*)” (Kozák *et al.* 1981:55) cuja foto, na realidade, mostra um urubu do gênero *Cathartes*, ainda que a legenda alusiva insista: “Urubú-rei”. Esse é um indicativo primário de que as identificações de aves (e também de outros grupos zoológicos abordados), não sofreram o crivo devido por parte de um especialista. Em se tratando da evidente diferença entre um urubu-rei, que é quase totalmente branco, e um urubu de outra espécie, totalmente negro, esse argumento torna-se ainda mais contundente.

Adicionalmente, também a citação de que “*As longas asas e as penas da cauda da arara, do jacú, do aracuã, do urubú-rei (Sarcoramphus papa) eram muitíssimo apreciadas para uso mágico-medicinal*” (Kozák *et al.* 1981:63) é estranha, pois, dentre a arte plumária que vimos estudando desde 1993, nenhuma dessas espécies encontra-se representada (Straube *et al.* 1993, Straube & Urben-Filho, inédito). Os Xetás, na realidade, para o fabrico dos elementos de arte plumária, utilizavam-se de simples e primitivos escarpelamentos das aves, restando adornos simplificados contendo meros fragmentos de epiderme com penas, raramente utilizando-se de amarrações com fibras vegetais ou equivalentes (Figura 5).

Outros exemplos zoológicos citados merecem avaliação crítica pelo critério quanto à identificação, sendo que constam dentre as “*várias espécies [que] constituíam alimentação habitual dos Héta*”, seriam o “*cágado*” (*Geochelone*) e “*camaleões (Iguana iguana)*”. Esses táxons, tal como apresentados são evidentes equívocos de identificação, uma vez que jabotis (gênero *Geochelone*) e as grandes iguanas (*Iguana iguana*) não são conhecidos no Paraná, estado onde certamente nunca ocorreram.

Não desprezamos a informação de que muitas das espécies citadas naquela obra possam merecer atenção mais detalhada com relação ao aproveitamento como registro zoológico daquela região. E também é provável (mas não provado) que araras ali tivessem ocorrido. Entretanto, percebe-se claramente que os demais autores da referida publicação, pouco afeitos à Zoologia, devem se ter fundamentado em textos mal-interpretados de Kozák sem mesmo que ele pudesse revisá-los e essa é uma condição importante para a adoção de várias precauções.

Outra informação enigmática, embora igualmente frágil, vem do antropólogo Herbert Baldus (1899-1970) em seu “*Vocabulário Zoológico Kaingang*” (Baldus 1947). Esse glossário foi preparado, entre maio de junho de 1946, mediante entrevistas com indígenas desta etnia e radicados no chamado “*Posto Indígena do Ivaí*”, segundo ele situado entre a margem esquerda do Rio Ivaí e a cidade de Pitanga. Uma das 52 espécies de aves ali mencionadas é “*(78) kaégn – arara (espécie?)*”. Come-se”.

A denominação vernácula índia, como se percebe, aproxima-se bastante daquela informada por Telêmaco Borba (1908), no entanto, cabe uma pequena preleção sobre os métodos utilizados por Baldus: “*A maior parte dos termos foi obtida mostrando aos Kaingang as figuras do livro de Rodolpho von Ihering, intitulado 'Da vida dos nossos animais. Fauna do Brasil' (Rotermund & Co., São Leopoldo, 1934). É natural que, em muitos casos, era preciso mencionar, além disso, o nome usado pelos sertanejos e fazer alguns comentários, especialmente quando, como a respeito de vários insetos, o tamanho das estampas era muito maior do que o do original. Erros de identificação cometidos pelos índios, se é que existem, devem ser pouquíssimos. Transcrevo daquele autor tanto os nomes vulgares como os científicos, omitindo, porém, às vezes, a indicação da espécie. A maioria dos erros provavelmente feitos a-pesar desta precaução será, espero eu, facilmente corrigida pelos zoólogos*” (Baldus 1947:149).

Avaliada a obra mencionada, embora na sua quinta edição (Ihering 1967), lá encontra-se uma *Ara ararauna* ilustrada na prancha 120 em preto-e-branco (página 88). A dúvida de Baldus com relação à identidade da espécie citada indica que ou os kainganges entrevistados não compartilham do mesmo morfotipo para o que chamam de *kaégn* e o que, em português, se conhece por arara; ou, ainda, que a espécie mencionada se trata efetivamente de sua congênica, a arara-vermelha (*Ara chloropterus*). Tal suspeita, porém, deve permanecer no campo especulativo, uma vez que mesmo coerente com o nome popular brasileiro, é possível que o nome kaingange seja importado de outra região, informação que não é sequer especulada no texto.

Além disso, cabe lembrar que o local considerado por Baldus situa-se a algumas dezenas de quilômetros da clássica localidade de Cândido de Abreu, visitada e amostrada por vários naturalistas colecionadores (Jaczewski 1925, Sztolcman 1926, Hinkelmann & Fiebig 2001, Straube & Scherer-Neto 2001, Straube *et al.* 2005) e, de onde, nenhum indício de araras foi colhido por meio dessas iniciativas.

A inexistência de menções a araras no Rio Ivaí modifica-se profundamente pelo confronto entre as frágeis citações acima e uma outra, recentemente localizada. Refere-se a Carlos Alberto Teixeira Coelho Júnior (1894-1969), filho de portugueses chegados ao Paraná em 1893. Formado em desenho pela Escola Nacional de Belas Artes (Coelho-Júnior 1946:178), ele foi um pesquisador incansável, destacando-se além de sertanista, como escritor, poeta e jornalista, qualidades que o permitiram manter correspondência com filólogos do porte de Cândido de Figueiredo e Rui Barbosa e tendo sido, também, o segundo ocupante da Cadeira nº 29 da Academia Paranaense de Letras.

Coelho Júnior assinou sua obra-maior em 1946, intitulando-a “*Pelas selvas e rios do Paraná*” (Coelho-Júnior 1946), onde descreve passagens de suas longas peregrinações pelo interior do Paraná desde 1919. Livro de leitura empolgante, ilustrado por seu amigo João Turin, constam nele muitos trechos merecedores de transcrição não apenas pelo valor poético como por certos detalhes biológicos dos locais por onde passou: “*Abrindo caminho no desconhecido, para viajar diariamente, no máximo dois longos e penosos quilômetros, por entre a mata densa, o chão mole de 'terra rôxa', coberto de figueiras, Paul d'Alho, Perobas, Óleos, Caviunas, Saraguais, Cabriuvas, Canelas Monjoleiros, Massarandubas, extensos palmitais, taquarís e taquarussús, forrado de ortigueiras, e por onde as vèzes serpenteia os venenosíssimos urutús e jararacas, avançávamos...*”.

Começa dando já a envergadura de sua obra: “*...desde a fôz do barrento e soturno Paranapanema, na caudal soberana do rio Paraná, em demanda de cruzar, de noroeste a sueste, em seção transversal, o seu opulento tributário, o Ivaí, a cem quilômetros*

acima de sua magestosa confluência” (Coelho-Júnior 1946:17). Conforme admitido adiante (Coelho-Júnior 1946:22), esse ponto do Rio Ivaí nada mais era do que a Corredeira do Ferro, local conhecido dos exploradores que percorriam o rio Ivaí e citado em várias obras (vide, por exemplo, Jaczewski 1925). A data era novembro de 1921.

Ali, a avifauna já expressa sua presença, descrita nos trechos:

“A passarada, em vôos céleres, num tataral lúgubre de asas, procura aflita, seus esconderijos” e “Pelos barrancos, nos ‘barreiros’, de águas salobas e sulfurosas, multidões barulhentas de papagaios multicores, fazem uma algazarra ensurdecidora”. Em seguida, nova revelação, agora passível de destaque: “E, no puro e diáfano céu luminoso e lindo – voam, bem alto e lentamente, como um friso de caprichoso desenho animado – **as vistosas e decorativas araras, de rica plumagem encarnada, amarela e azul, dominadoras e serenas, tagarelando de espaço a espaço**” (Coelho Júnior 1946:21).

A menção permite – minimamente – uma especulação sobre a presença de duas espécies de araras, a “encarnada” ou vermelha (*Ara chloropterus*) e a “amarela e azul” ou canindé (*Ara ararauna*) no Rio Ivaí, a quase 100 km (em linha reta) a leste de sua desembocadura.

Cabe lembrar que Coelho é sempre bastante preciso em citar elementos da fauna e flora que contactou durante suas peregrinações. Destacam-se lontras, ariranhas, antas, capivaras e até uma observação de cópula de onça-pintada. São aspectos inusitados e de grande relevância para o contexto ambiental da época, quando aquela região paranaense era totalmente despovoada e com a natureza intocada.

Segundo Straube & Urben-Filho (2006), a Corredeira do Ferro (23°16'S e 52°46'W), onde também estiveram os poloneses Tadeusz Chrostowski e Tadeusz Jaczewski entre 7 e 13 de janeiro de 1923, situa-se entre os municípios de Guaporema e Mirador e se trata da última corredeira do Rio Ivaí que, a jusante dela, passa a apresentar-se mais calmo e facilmente navegável. De acordo com Maack (1941) é exatamente nesse ponto, ao longo do Ivaí, que a vegetação exuberante da mata estacional semidecidual passa a se alterar profundamente. Torna-se mais densa e com árvores retorcidas e baixas, entremeada a vastas extensões de várzeas e outros ambientes sazonalmente alagáveis, com solos aluviais eutróficos. É precisamente o ponto onde desaparece a palmeira-juçara (*Euterpe edulis*), sendo substituída por grandes associações do jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) e pela presença, gradativamente mais acentuada, da palmeira bocaiúva (*Acrocomia aculeata*). Adicionalmente, deve-se considerar que a existência destas duas últimas palmeiras, componentes típicos da alimentação das duas espécies de araras, fortalece bastante a informação provida por Coelho Júnior.

5. Vale do Rio Paraná (1923, 1930, 1940, 1946, 1948, 1951, 1954)

A região onde se concentra a maior parte dos registros antigos de araras no Paraná coincide exatamente com os setores marginais ao Rio Paraná, incluindo a foz de seus principais afluentes, entre os rios Paranapanema e Iguaçu (Straube *et al.* 2004). É, de fato, na foz do Rio Paranapanema – especificamente onde se localiza a Estação Ecológica do Caiuá – que residem os maiores grupos de arara-vermelha (*Ara chloropterus*) e também da canindé (*A. ararauna*), com populações entre cerca de 50 e 40 indivíduos, respectivamente (Scherer-Neto *et al.* 2008).

A primeira menção de araras para o vale do Rio Paraná se deve à Terceira Expedição Chrostowski (para mais detalhes sobre essa e

outras viagens de Chrostowski, vide Jaczewski 1925, Sztolcman 1926, Straube & Scherer-Neto 2001, Straube & Urben-Filho 2002a,b, 2006), precisamente em 14 de janeiro de 1923, conforme narrado por Jaczewski (1925:345):

“The place was, however, animated by troops of big ‘araras’ (*Ara chloroptera* Gray); we met here also for the first time the large Ramphastid *Ramphastos toco* Müll., which replaces in these regions another species (*Rh. bicolorus* L.), which is common in the highlands and along the course of the upper Ivaí”.

O local era o Porto Xavier da Silva (pouco acima de Porto Camargo, vide adiante) que, segundo Straube & Urben-Filho (2006), “situa-se nas imediações da vila de Porto Figueira, município de Vila Alta, defronte ao extremo norte da Ilha Grande e à Ilha dos Bandeirantes, esta pertencente a Naviraí, no estado vizinho do Mato Grosso do Sul”. Segundo Leão (1924-1928:1638): tratava-se de um porto abandonado, “...à foz do rio Ivaí, onde devia terminar a estrada de Guarapuava a Matto Grosso, que hoje termina no Porto S. José. Este Porto foi fundado pelo Lloyd Paranaense, que ali construiu um depósito para gasolina, tendo desistido mais tarde de levar até lá suas operações”.

No pequeno trecho transcrito, fica notável a atenção do narrador com relação ao primeiro contato que tiveram com esta espécie de arara, depois de percorrer todo o curso fluvial do Rio Ivaí sem tê-la contactado em nenhum outro momento (vide sob Vale do Rio Ivaí). De fato, a citada expedição obteve um único exemplar (MIZ-3318) de *Ara chloropterus*, atualmente depositado no *Museum and Institute of Zoology* da Academia Polonesa de Ciências de Varsóvia: “un mâle ad.: Porto Xavier da Silva (16 Janvier 1923)” (Sztolcman 1926:127).

Sete anos depois dos poloneses, ocorreu novo colecionamento de araras na região do Rio Paraná. Tratava-se do legado de Emil Kaempfer, responsável por uma das maiores coleções de aves brasileiras de todos os tempos (maiores detalhes podem ser obtidos em Naumburg 1935, 1937, 1940, Camargo 1962). Em meados da década de 20, esse naturalista alemão foi contratado pela ornitóloga novaiorquina Elsie Naumburg para colecionar espécimes ornitológicos no leste do Brasil. Segundo Zimmer (1955), desde 1926 “...até 1931, Kaempfer prosseguiu o envio de excelentes exemplares oriundos de localidades totalmente desconhecidas, incluindo muitas redescobertas, bem como raridades há muito esquecidas pela ciência”. Tais atributos acabaram por qualificar a expedição Kaempfer como uma das mais produtivas viagens de colecionamento de aves no Brasil. Kaempfer viajara com sua esposa e o destino dos quase 10.000 espécimes era integralmente o *American Museum of Natural History*, onde Naumburg trabalhava. Passados os quase seis anos de trabalho, findara a grande peregrinação, após ter percorrido milhares de quilômetros de várias regiões do nordeste, sudeste e sul do Brasil e adjacências da República do Paraguai, inclusive o Chaco e a zona fronteira do norte do Uruguai (Naumburg 1935).

No estado do Paraná, Emil dedicou-se a atividades de coleta ornitológica entre fevereiro e junho de 1930, deslocando-se pelas matas de encosta e de altitude da Serra do Mar (Serra da Graciosa) até os planaltos com matas de araucária dos vales dos rios Iguaçu (Curitiba e Porto Almeida) e Tibagi (Fazenda Monte Alegre) e as florestas estacionais da região de Foz do Iguaçu e Guaíra (Figura 6).

Depois de visitar várias localidades planálticas paranaense, Kaempfer rumou para a cidade de Guaíra, no extremo oeste do Estado, seguindo ao longo das margens do Rio Paraná até Porto Mendes, então Porto Britânia, Foz do Iguaçu e, por fim, *Puerto Bertoni*, no Paraguai; em seguida, voltou a Guaíra e dirigiu-se para o Mato Grosso do Sul, prosseguindo sua peregrinação.



Figura 6. Pontos paranaenses visitados durante o itinerário de Emil Kaempfer (Fonte: adaptado de mapa encartado em Naumburg 1935).

Nesse tempo dedicado ao Rio Paraná, Emil obteve três exemplares de arara-vermelha (*Ara chloropterus*), atualmente registrados no Museu de Nova York (*American Museum of Natural History*), sendo um em Guaira (AMNH-318247: 19 de abril de 1930)¹ e outros dois em Porto Mendes (AMNH-318248 e 318249, ambos de 2 de maio de 1930). Esses espécimes são totalmente desconhecidos da literatura técnica ornitológica, em virtude da inexistência de um catálogo completo do material obtido por Kaempfer. Seu valor é inestimável uma vez que completam uma certa lacuna entre os contatos antigos entre Guaira e Foz do Iguaçu e, além disso, comprovam a existência muito pretérita desta espécie na região de Sete Quedas (Figura 7), onde Scherer-Neto (1983) a observou no início dos anos 80, junto à congênera *A. ararauna* (cf. Scherer-Neto 1983; Scherer-Neto et al. 2009).

Um assunto que mereceria investigação profunda são as fontes orais, especialmente de pessoas que moraram ou simplesmente visitaram algumas regiões-chave e que, de alguma forma, poderiam contribuir com dados sobre ocorrência destas aves. O prof. Ernani C. Straube (com.pess., 2010) conta que, quando era tenente-farmacêutico da 5ª Companhia de Fronteira em Guaira, entre 1956 e 1957 (época em que residia em Guaira), costumava reservar as quartas-feiras (dia tradicional de descanso na caserna) para visitar as Sete Quedas e suas pontes pênseis (Figura 8). Não obstante esse trajeto de passeio tenha sido repetido cotidianamente, afirma jamais ter observado qualquer arara nessas ocasiões. O relato é, desta

forma, algo diferente daquele de Gilberto Kurowski, genro de Reinhard Maack, que acompanhava o grande geólogo em algumas viagens nos anos 50 e 60. Segundo sua narrativa:

“Que beleza foi viajar neste interior do Paraná, conhecer Guaira. Centenas de araras sobrevoavam a gente naquelas ponte pênseis de arame. Hoje não tem mais nem as araras, nem mais Guaira [referindo-se às Sete Quedas]. Progresso! Tudo em nome do progresso!” (Depoimento obtido em 2002 e mantido no acervo pessoal de Alessandro Casagrande, *in litt.*, 2010).

Perto de Guaira, porém na margem sul-matogrossense do Rio Paraná, está a foz do Rio Iguatemi, região que tivemos oportunidade de estudar em 1989 (Straube et al. 1996). O mesmo John Henry Elliott que investigou o Rio Tibagi (vide acima), faz uma menção interessante para *Ara ararauna* quando, perto dali, em 19 de setembro de 1857, encontrou um chefe indígena que “...trazia na cabeça uma grinalda feita de penas de tucano e canindé com pulseiras do mesmo”. Segundo Elliott, o Iguatemi é formado por matas em sua desembocadura, a qual é cercada por campos e cerrados nas porções mais elevadas; para ele: “Estes campos são em rincões por cristalinas águas com altura suficiente para qualquer maquinismo; cervos, emas, veados, e antas vagam por estes lugares; o maior inimigo que se encontra aí é o terrível sucuri...”.

¹ Segundo Thomas J. Trombone (2010, *in litt.*), curador de dados do AMNH, apenas esse exemplar ainda encontra-se na coleção do Museu de Nova York, tendo os outros dois, destino incerto.



Figura 7. Exemplar de *Ara chloroptera* (AMNH-318247), em vista lateral, dorsal e ventral (abaixo o rótulo original) colecionado por Emil Kämpfer em Guaíra em 19 de abril de 1930 (Foto: Thomas J.Trombone)

Na sequência cronológica, as próximas fontes sobre araras ao longo do Rio Paraná, chegam à década de 40. Voltamo-nos agora a Alcides Laffranchi, médico e caçador radicado em Jaboticabal (São Paulo). Ele é autor do livro “Nos sertões do rio Paraná”, que relata viagens pelo interior do Paraná, com grande destaque para a região noroeste do Estado. Sua obra é dividida em quatro partes, três delas referentes a visitas feitas ao vale do Rio Ivaí e uma quarta à região norte do Paraná (Apucarana).

A primeira viagem inicia-se em Porto Tibiriçá (hoje em Presidente Epitácio, São Paulo), onde os aventureiros chegaram em 18 de agosto de 1940, vindos de Jaboticabal, após passar por Limeira, Piracicaba e Botucatu. Neste porto, tomaram conhecimento de “duas canoas grandes dotadas de possantes motores. São caçadores que vão descer o rio e parece que irão até às Sete Quedas. Atualmente, o Rio Paraná é a meta dos excursionistas e dos amadores da caça e da pesca. Tanto no lado do Paraná quanto do de Mato Grosso [do Sul], a quantidade de caça é algo de assombroso” (Laffranchi 1958:20). Esse é apenas mais um testemunho das constantes expedições de caça e pesca realizadas para a região noroeste do Paraná, que acompanharam o início do lamentável e desregrado processo de colonização daquele setor.

A primeira menção, na obra, ao estado do Paraná ocorreu em Porto São Pedro, hoje no município de São Pedro do Paraná, a poucos quilômetros a jusante da foz do Rio Paranapanema. A passagem do grupo por ali, ocorrera nas primeiras horas da manhã

de 21 de agosto de 1940, onde consta a informação sobre a grande quantidade de onças-pintadas, ariranhas e lontras que ali viviam ao longo do rio e nas ilhas. No mesmo dia chegam à foz do Rio Ivaí, onde o autor observa:

“a mata alta da qual chegam cantos de passarinhos, pios de jaó e gritos de arara” (Laffranchi 1958:34).

Esse indicativo deve ser relacionado com o chamado “Paredão das Araras”, uma conformação arenítica que consiste de elevação com quase várias dezenas de metros na margem esquerda do Rio Paraná, na desembocadura do Rio Ivaí. O próprio nome da localidade já é inspirativo para a temática aqui abordada e, não à toa, foi citado como ponto de ocorrência de ambas as espécies de araras por alguns autores. No estado de Mato Grosso do Sul há uma curiosa repetição geológica e toponímica: outro paredão com o mesmo nome está localizado próximo da foz do Rio Taquaruçu (Fúlfaro *et al.* 2005).

Passamos agora a Álvaro Coutinho Aguirre (1899-1987), engenheiro agrônomo e um grande e entusiasta pesquisador, dotado de “brilhante e lúcida inteligência, independência de critério e uma grande paixão pela natureza brasileira” (Bucher 1990). Hábil coletor e taxidermista, visitou diversas regiões brasileiras, nos estados do Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Amazonas, Amapá, Pará, Rondônia, Maranhão e Paraná. São de sua autoria

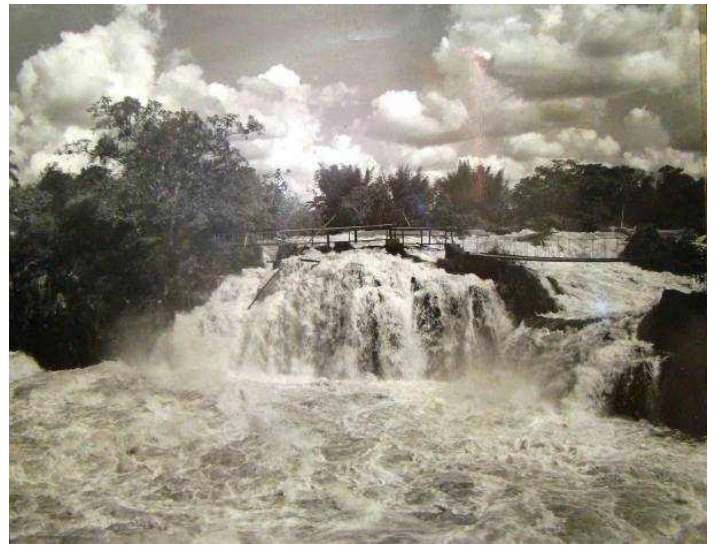


Figura 8. Dois detalhes das Sete Quedas (Guaira, Paraná), atualmente submersas pelo Reservatório da Usina de Itaipu, região de ocorrência da arara-vermelha (*Ara chloropterus*) e da arara-canindé (*Ara ararauna*). (Fonte: Acervo do Museu Sete Quedas, Guaira).

diversos artigos técnicos e de divulgação em Zoologia e, no campo ornitológico, publicou com Otto Schubart e Helmut Sick (Schubart *et al.* 1965) um extenso apanhado sobre a alimentação das aves brasileiras, com base no conteúdo estomacal dos espécimes abatidos. Também estudou o hábito alimentar e biologia reprodutiva do macuco (*Tinamus solitarius*), descreveu a caça e preparo do frango-d'água-azul (*Porphyrio martinica*) pela população maranhense, notificou a presença do raro picapau (*Melanerpes cactorum*) na Fazenda Estância, em Miranda (Mato Grosso do Sul) e, ainda, divulgou suas anotações sobre a avoante (*Zenaida auriculata*).

A serviço do Museu da Fauna do Rio de Janeiro, uma das maiores coleções zoológicas expositivas em todo o Brasil (hoje guardadas no Museu Nacional do Rio de Janeiro), realizou quase três dezenas de viagens por várias regiões do Brasil. Desse valioso esforço para obtenção de espécimes, quando era funcionário da extinta Divisão de Caça e Pesca (que abrigava o Museu da Fauna) (Bucher 1990), fez parte uma visita de uma semana para a região noroeste do Paraná.

Na margem esquerda da foz do Rio Paranapanema, especificamente na localidade de São José (atualmente no município de São Pedro do Paraná), onde estiveram entre agosto e setembro de 1946, obtiveram espécies significativas da peculiar avifauna do noroeste paranaense. Dentre elas aparece *Ara chloropterus* que a ele cabe o primeiro contato documentado naquela região e que certamente se trata do mesmo informado simplesmente como “Rio Paraná” por Schubart *et al.* (1965). Refere-se aos espécimes de numeração MF-659 e 660, respectivamente macho e fêmea, obtidos em 27 de agosto de 1946 (Aguirre & Aldrichi 1983).

Na sequência cronológica aparece agora ANDREAS MAYER, taxidermista por profissão, mas um autêntico naturalista à moda antiga, cuja contribuição, para todos os campos da Zoologia paranaense, foi considerada verdadeiramente incalculável (Straube & Bornschein 1989, Straube & Scherer-Neto 2001, Lorini e Persson 1990, Bérnils & Moura-Leite 1990, Wosiacki 1990, Pinto-da-Rocha & Caron 1989, Barros & Baggio 1992, Arzua *et al.* 2005, Corrêa & Silva 1995). Emigrando da Alemanha nos anos 30, estabeleceu-se na Colônia Terra Nova (Castro, no atual Distrito de Abapã) onde, já ao chegar, passou a coletar e preparar espécimes de aves e mamíferos para remetê-los ao Museu Paranaense.

“Descoberto” pelo entomólogo Jesus Santiago Moure, foi indicado ao diretor do Museu Paranaense para figurar no quadro técnico da instituição, a qual se encontrava em plena reestruturação

pela ampliação e reorganização das coleções. Durante seus mais de 30 anos de serviços prestados à Casa, obteve quase três milhares de exemplares de aves, hoje mantidos no Museu de História Natural Capão da Imbuia. Muitas das espécies obtidas, algumas delas compondo séries significativas, tornaram-se muito raras ou simplesmente não mais foram localizadas no Estado em pesquisas recentes, tratando-se de extinções locais (Straube & Bornschein 1995).

Sua brilhante e produtiva participação em excursões científicas do Museu Paranaense foi amplamente reconhecida em todo o Brasil. Olivério Pinto, Eurico Camargo (ambos do antigo Museu Paulista), Helmut Sick (na época funcionário da Fundação Brasil Central) e Fernando Novaes (Museu Paranaense Emílio Goeldi), foram alguns dos que analisaram ou simplesmente identificaram seus espécimes. Não há como deixar de mencionar a sua participação na coleta de espécimes de aves nos arredores da Serra dos Dourados, associado à expedição liderada por José Loureiro Fernandes e Wladimir Kozák e que foi a responsável pela descoberta dos índios Xetá, nas décadas de 50 e 60 (Kozák 1981).

Mayer empreendeu pelo menos oito viagens à região do Rio Paraná e setores próximos do noroeste do estado. Segundo pode-se constatar pelos registros no livro-tombo do Museu de História Natural Capão da Imbuia (atual depositário das peles antes guardadas no Museu Paranaense), em pelo menos duas dessas viagens ele trouxe araras-vermelhas (*Ara chloropterus*), documentadas pelos exemplares MNHCI-395 (fêmea procedente do “Vale do Rio Paraná” colecionada em setembro de 1945), MHNCI-1323 e 1324 (um casal do “Rio Paraná” de julho de 1951).

Todo esse material colecionado nas décadas de 40 e 50, no entanto, não contém detalhes precisos sobre locais e, muitas vezes, de data. São muitos os casos em que os rótulos indicam apenas “Vale do Rio Paraná”, mesmo sabendo-se que Mayer também visitava na mesma expedição – e utilizando-se de embarcações motorizadas – uma grande extensão deste rio, na linha fluvial de quase 250 km entre as desembocaduras dos rios Paranapanema e Piquiri.

Há, ainda, três outros exemplares que encontram-se na coleção expositiva do referido museu, em uma bela composição feita em pedestal de madeira e que aparecem como ilustração no artigo de Baldus (1947: estampa XV, entre as p.160 e 161). Essas três peças podem ser certamente atribuídas a Mayer, ao que tudo indica no Rio Paraná, tendo sido obtidas em agosto a outubro de 1940 ou agosto a setembro de 1945, as únicas datas que Mayer esteve no

noroeste do Paraná antes da referida publicação de Baldus. Um outro exemplar, também em apresentação didática, aparece no texto de Loyola e Silva (1969:encarte, p.352-353), embora sem qualquer indicação de procedência. Esse autor, como facilmente se vê em sua obra, usou exemplares do antigo Museu Paranaense para ilustrá-la e, assim, a pele constitui-se do acervo do mesmo museu citado acima.

Desta forma, fica difícil concluir sobre os reais pontos de coleta das araras citadas, ainda que todas possam ser atribuídas, com alguma certeza, a Mayer, à região noroeste paranaense e ao período entre os anos de 1940 e 1951. Igualmente pendente permanece a datação e localização da foto colhida em uma dessas situações (Figura 9), que mostra, da esquerda para a direita, Mayer com um tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) e uma jacutinga (*Aburria jacutinga*) e dois de seus companheiros (talvez um deles o amigo Wilhelm Schüller, vide Straube & Scherer-Neto, 2001), cada qual portando uma arara-vermelha (*Ara chloropterus*) recém-abatidas.

Cruzadas as informações sobre tais espécies e espécimes, levando-se em conta os espécimes depositados no Museu de Curitiba e, ainda, julgando ambas como colecionadas no mesmo local e data pode-se refinar o resgate da procedência. Espécimes de *Ramphastos dicolorus*, *Aburria jacutinga* e *Ara chloropterus* simultaneamente, apenas poderiam ter sido coletados em agosto de 1951 nas localidades de “Vale do Ivaí” e “Vale do Rio Paraná”. Isso leva a crer que o ponto preciso de coleta seria a foz do Rio Ivaí, precisamente Porto Camargo, localidade que, aliás, era bem conhecida pela grande concentração de araras no chamado “Paredão das Araras” (vide abaixo).

Mais ou menos contemporâneo de Mayer é Carlos Nicolau Gofferjé (1922-2005), médico catarinense radicado em Curitiba e depois (1950) em Blumenau, onde atuou como ginecologista e obstetra no Hospital Santa Isabel por mais de 40 anos. Gofferjé, quando de sua curta permanência no Paraná, participou como naturalista voluntário do Museu Paranaense. Já inclinado em sua especialidade, a Malacologia, atuava nesse campo como autodidata e coletor, tendo montado uma grande coleção particular com quase 20 mil exemplares que foi doada, após o seu falecimento, à Universidade do Vale do Itajaí (Univali).

Em fevereiro de 1948, quando ainda estudante de Medicina, Gofferjé esteve na localidade de Porto Camargo, perto da foz do Rio Ivaí, tendo de lá trazido um exemplar (MHNCI-808) de arara-vermelha. Esse documento tem especial valor histórico, uma vez que permite a conexão com outros estudiosos conhecidos no Paraná. Ocorre que a referida viagem de Gofferjé, da qual participaram também o cinegrafista Vladimír Kozák, sua irmã Karla e João José Bigarella, é citada durante uma entrevista concedida por esse último no documentário intitulado “Professor Bigarella: uma luta ambiental”, filme em formato DVD que destaca a trajetória deste geólogo (Horrocks 2008).

A fala de Bigarella é transcrita a seguir, com algumas modificações para adaptá-la à compreensão:

“Terminada essa parte no Mato Grosso [do Sul], nós cruzamos o Rio Paraná e fomos para a costa do lado paranaense. Ali fizemos nosso acampamento ao sul do Paredão dos Veados, uma encosta alta e íngreme do Arenito Caiuá às margens do Rio Paraná. Nesse paredão nidificavam centenas e centenas de araras. Então, para fazer a filmagem dessas aves, o morador cedeu um barco mais largo do que o nosso, a fim de fazer uma montagem, colocando uma estrutura que pudesse subir o rio de forma que, ao mesmo tempo, as araras não vissem os homens. Então foi feita uma verdadeira floresta com fios, plantas e tal, camuflando a embarcação. Eu também subi ali e também filmei essa situação. Nessa ocasião, nos



Figura 9. Flagrante do trabalho de colecionamento de aves na região noroeste do Paraná, mostrando Andreas Mayer (à esquerda) e dois auxiliares, cada qual com uma arara-vermelha (Fonte: Acervo particular de Alessandro Casagrande).

aproximamos e flagramos as araras em sua condição natural, ou seja, voando, chegando aos ninhos e saindo, às vezes, em bandos de centenas de indivíduos emitindo todo aquele ruído muito característico; eram araras-vermelhas, principalmente vermelhas, mas haviam algumas azuis, o que dava uma impressão fabulosa. Eu sei que essa foi talvez a cena mais impressionante que eu vivenciei no Rio Paraná. Hoje a gente não encontra, ou melhor; raramente vê uma arara. É uma cena que desapareceu da paisagem paranaense”.

Durante esse fragmento do documentário, aparecem vários segundos de filmagens obtidas por Bigarella, mostrando araras-vermelhas (Figura 10).

Esse assim chamado “Paredão dos Veados”, como citado por Bigarella, trata-se exatamente da margem paranaense do Rio Paraná na foz do Ivaí, ponto onde desemboca o Rio dos Veados; hoje, esse lugar, algo explorado pelo turismo local, é chamado de “Paredão das Araras”.

Nesse mesmo ponto, estiveram – sete anos depois de Gofferjé e Bigarella – os naturalistas Emilio Dente e Dionísio Seraglia, “práticos de laboratório” do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura (atualmente Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo), quando visitaram duas localidades do extremo noroeste do Estado, ali coletando por dois meses (janeiro a fevereiro de 1954). Para esse acervo, levaram um total de 480 espécimes ornitológicos de 134 espécies, analisados e arrolados posteriormente (Pinto & Camargo 1956). Resultado final valiosíssimo, conseguiram exemplares-testemunho de algumas aves que nunca mais foram mais encontradas em estudos subsequentes naquela região (Straube & Bornschein 1995, Straube *et al.* 1996), bem como uma infinidade de outras, consideradas raras ou com informações escassas de ocorrência.

Um detalhe digno de nota foi a obtenção de dois exemplares da arara-vermelha (*Ara chloropterus*) e, segundo Pinto & Camargo (1956:218):

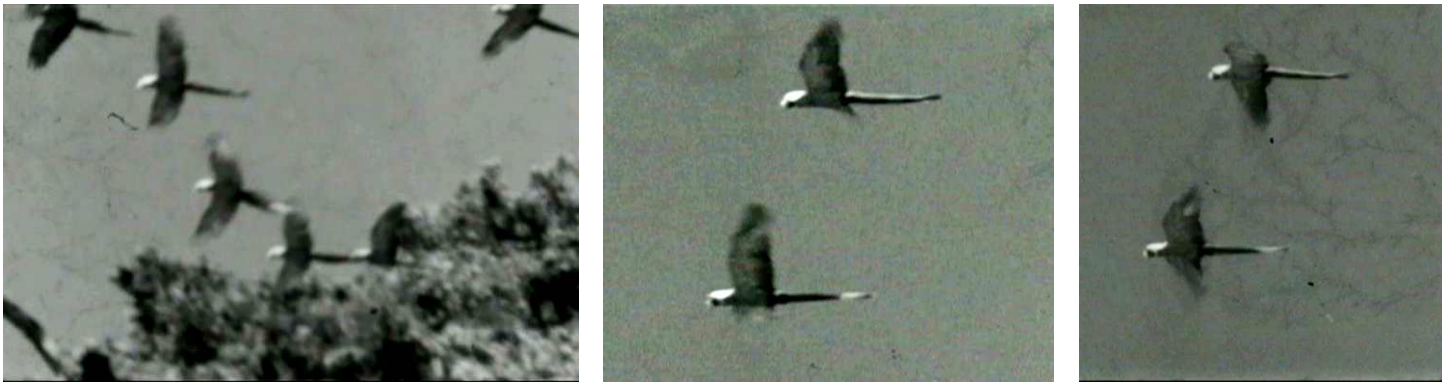


Figura 10. Imagens capturadas do documentário “Professor Bigarella: uma luta ambiental” (Horrocks 2008), mostrando araras vermelhas (acima) e canindés (abaixo) em voo, no paredão arenítico às margens do Rio Paraná.



Figura 11. Localização do “Paredão das Araras”, no Rio Paraná, perto da foz do Rio Ivaí em Porto Camargo (Fonte: Google Earth, acima à esquerda); outras fotos mostram detalhes da conformação orográfica do local (Fonte: Acervo Mater Natura).

“É esta a **arara** mais comum ao longo do rio Paraná, onde frequentemente os chamados paredões, trechos em que as margens do rio se alteiam em barrancas argilosas talhadas a pique”.

Essa condição fôra também tratada na introdução do artigo, ao mencionar os paredões areníticos que ali se formam:

“Na manhã de 4, atravessando novamente, de bote, a grande caudal, prosseguiram os excursionistas a viagem rio abaixo, tendo próxima a margem paranaense, que a certa altura se empina em alcantilado paredão, muito frequentado pelas **araras vermelhas** (*Ara chloroptera*)” (Pinto & Camargo 1956:215).

Referiam-se os autores à transposição do grande rio (4 de janeiro de 1954), feita com embarcação modesta a partir de Porto Felipe (Mato Grosso do Sul), tendo os viajantes se deslumbrado com a presença de grandes quantidades de araras-vermelhas ali agarradas às vertentes elevadas da margem fluvial, eventualmente esvoaçando ao redor do barco, curiosas com a presença dos invasores.

Descrição idêntica desse momento, por comunicação verbal, deu o próprio naturalista Emílio Dente que, em 1985, teve a oportunidade de conhecer pessoalmente, ao tempo em que o inquiri sobre a notável expedição. Segundo ele, esse ponto do Rio Paraná era conhecido como “Paredão das Araras” (23°21'25”S e 53°44'18”W; Figura 11) e para ali confluíam vários moradores locais para dar caça a essas aves (que podiam ser encontradas às dezenas), visando a alimentação e eventuais vendas como peças de cativo.

Infelizmente, a partir da década de 70 começou a fazer sentido o que fôra profetizado por Bigarella. Até mesmo onde se viam centenas de araras de ambas espécies, no Paredão, P.Scherer-Neto (2010, com.pess.) encontrou neste período apenas alguns poucos indivíduos, fato relatado em seu artigo alusivo (Scherer-Neto *et al.* 2009).

6. NORTE PIONEIRO (1900 OU 1901, 1944)

De acordo com Ihering & Ihering (1907:109), o Museu Paulista (hoje Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo) possuía um exemplar de *Ara chloropterus* proveniente de “*Est. do Paraná, Ourinho*” o qual, nesta obra, carece de qualquer indicação outra, como data e coletor. No entanto, um desses autores, no clássico estudo sobre “As aves do Estado de S.Paulo” (Ihering 1898:312), portanto publicado pouco tempo antes, não se refere a essa pele, afirmando que a espécie “...ocorre desde a América central até *Matto Grosso e S.Paulo*”. Graças a essa sutileza cronológica, é possível concluir que o espécime teria sido obtido no fim do Século XIX ou início do Século XX.

Considerando-se as tantas contribuições de naturalistas do Museu Paulista ao conhecimento da avifauna paranaense, chegamos ao nome de João Leonardo Lima. Esse coletor, de fato, participou de duas viagens à região conhecida como “Norte Pioneiro” paranaense, onde visitou “Ourinho”, junto ao habilitado e profícuo colecionador Wilhelm Ehrhardt (ver Pinto 1945, Straube & Scherer-Neto 2001, Gutsche *et al.* 2007). E as aves colecionadas ali, cujas espécies concordam com as citadas por Ihering & Ihering (1907), datam de 1900 (março e abril) e 1901 (fevereiro a agosto) (Pinto, 1938, 1944).

Cabe lembrar, que essa localidade, quase homônima (e frequentemente confundida) da limítrofe cidade paulista de Ourinhos, foi fundada em 1888 pela família Alcântara, oriunda de Minas Gerais e ali estabelecida logo no início da “febre cafeeira” paranaense. Em 1900 tornou-se município, com o nome de Novo Alcântara, denominação alterada dois anos depois – e definitivamente – para Jacarezinho.

Esse valioso registro, ficou curiosamente esquecido na literatura ornitológica, tanto que nem mesmo aparece em revisões da distribuição geográfica (p.ex. Straube *et al.* 2004, Scherer-Neto *et al.* 2009), faltando-lhe menção, inclusive, no “Catálogo das Aves do Brasil”, de Pinto (1938). Atualmente esse exemplar não consta do

acervo do Museu de Zoologia, sendo viável admitir que tivesse se deteriorado ou participado de alguma permuta, cujos detalhes oficiais não foi possível resgatar (L.F.Silveira e Marina Somenzari, 2010, *in litt.*).

Já Bornschein & Reinert (2000), referindo-se a dois remanescentes florestais em Cornélio Procópio e Santa Mariana, mencionam a arara-vermelha como “*comum na área de estudo até meados da mesma década [de 30], conforme informação de um antigo caçador local*”. Essa afirmação, embora pouco detalhada, é complementada pela toponímia: na cidade de Santa Mariana há um riacho denominado “Córrego das Araras” que, inclusive, atravessa o Parque Estadual da Mata de São Francisco, uma das áreas estudadas por aqueles autores. Dado adicional, muito semelhante, oferecem Scherer-Neto *et al.* (2009) que, após entrevistarem inúmeros moradores, obtiveram respostas positivas e repetitivas sobre a presença destas araras na mesma região e no mesmo período (P.Scherer-Neto, 2010, *com.pess.*).

Adicionalmente, após leitura atenta de uma obra em particular, nos foi possível obter informações complementares sobre a temática. Provém de Francisco Carvalho de Barros Júnior (1883-1969), historiador, professor do Liceu de Artes e Ofícios de Campinas e escritor, nesta qualidade indicado como patrono da Cadeira nº 16 da Academia Jundiaense de Letras, entidade fundada um ano após o seu falecimento. Locutor esporádico, por muito tempo apresentou o programa “Caçando e Pescando por todo o Brasil” na Rádio Excelsior de São Paulo (PRG-9, fundada em 1946), descrevendo suas andanças pelo Brasil e cujos conteúdos resultaram na sua produção literária composta por livros de romances, contos, aventuras e outros textos para jornais e revistas. Os livros infantis de sua autoria foram adquiridos pelo governo estadual paulista e pelo menos 20.000 exemplares acabaram distribuídos nas escolas, situação que lhe favoreceu o recebimento do Prêmio Jabuti de Literatura em 1961.

De espírito aventureiro, Francisco pertencia a uma época em que as viagens para caçadas e pescarias eram temas interessantes ao leitor comum e, nesse sentido, acabou conhecido pela série literária “Caçando e pescando por todo o Brasil”, lançada em seis volumes, ou “séries”, como por ele intituladas. Segundo Marcos Sá Corrêa, no editorial do jornal online O Eco (www.oeco.com.br): “*Seus livros saíam quando já era nascida a maioria dos notáveis estadistas que ultimamente nos governam. [...] Parece que foi ontem. Mas, naquela época, o Rio Paraná, o Paranapanema e um longo trecho do Tietê corriam entre barrancas selvagens. O oeste de São Paulo figurava nos mapas como um vazio demográfico, indicado genericamente como “terras desconhecidas e habitadas por índios”. Barros Júnior viu o trem invadir a região em 1915. Viajava carregado de “farta munição”, para “passar de 20 a 30 dias no sertão”. E, da janela do vagão, ia vendo “a cortina da mata” rasgada pelos “milharais verdes e viçosos, partilhando com os cafeeiros ainda nas covas o abundante humus da terra moça”. Onde “quatro anos antes era a mata solitária, silenciosa, misteriosa, é agora o movimento, o ruído dos caminhões, o sibilar das serras”. No caminho, “crepitavam as coivaras, levantando para o céu nuvens de fumaça”.*

Nessa coleção relata suas incansáveis viagens pelo interior do Brasil, descrevendo a fauna, vegetação, relevo e mesmo aspectos históricos das regiões visitadas, razão pela qual sua obra possui algum interesse, embora modestamente definida por seu autor: “*O que me propus nestas páginas não foi contar sòmente caçadas e pescarias maravilhosas. O meu intento é que os meus ouvintes guardem, ouvindo as minhas narrativas, uma impressão de haverem de certo modo viajado comigo nesta vagabundagem que durou cerca de vinte anos, por todos os recantos da nossa terra*” (Barros-Júnior 1945).

O primeiro volume¹, alusivo à região Sul (*sic*) do Brasil inclui descrições das mais variadas, de suas experiências em território gaúcho, catarinense, paranaense e especialmente no interior de São Paulo. A parte alusiva ao Paraná é relativamente extensa e refere-se a apenas três viagens, uma delas (não datada) pelos Campos Gerais, pela região de Ponta Grossa, Palmeira e dali até Laranjeiras do Sul; as duas demais, referem-se à região norte (foz do Rio Laranjinha), em 1922 e 1944.

Há uma certa dificuldade para datar essas incursões, uma vez que a viagem de 1944 é narrada antes da incursão anterior, causando confusões de informações e também de períodos de permanência no Paraná. O autor é bastante prolixo e confuso nesse quesito, intercalando – em seu texto – aspectos que foram observados nas mais variadas regiões do Brasil em datas aleatoriamente dispostas.

Desta forma, na referida obra há citações a episódios e espécies que foram constatadas em outros locais que não o sul do Brasil (como seria de se esperar pelo subtítulo do livro “Brasil Sul”), incluindo diversos pontos no interior de São Paulo (p.ex. rio Tibiriçá, Buri, Ourinhos, Indiana, Presidente Pena, Bauru, Promissão, Americana e vários outros) e até de Minas Gerais. Bem da verdade, uma grande parte das informações biológicas do livro referem-se a locais paulistas e isso é tratado no início do Capítulo 35: “*Começamos caçando patos e marrecões nos banhados gaúchos, quando milhões dessas aves, fugindo aos gelos da Patagônia, buscam as tigüeras de arroz e o clima mais ameno do Brasil. Constei-lhes as caçadas de perdizes em Santa Catarina e Paraná e minhas peregrinações pelos sertões do Noroeste de São Paulo, onde ainda vivia o selvagem bravio*” (p.338).

Depois de vários relatos entrecortados por experiências nos mais variados locais brasileiros, Barros passa a descrever uma viagem realizada para o “acampamento do [Rio] Laranjinha” (p.166), que ocorrera na última quinzena de junho de 1922 (Barros-Júnior 1945:178). Na ocasião, menciona a cidade de Cambará e alguns detalhes interessantes de sua colonização e, em seguida, aponta o rumo a ser tomado: 42 km em direção às margens do rio Laranjinha (Barros-Júnior 1945:175).

Já no picadão, onde – segundo ele – havia uma “mata colossal, matas de terra roxa onde avultavam as perobeiras, paus-d'alho e jequitibás gigantescos”, cita jacus (*Penelope sp.*) e um macuco (*Tinamus solitarius*), aproximadamente no local de transposição do Rio das Cinzas, onde hoje é divisa dos municípios de Andirá e Bandeirantes; dali seguiriam em frente até o acampamento do Laranjinha que, segundo pode-se verificar, localizava-se nas divisas de Bandeirantes e Santa Mariana. A partir do momento em que Barros estabeleceu-se no acampamento do Laranjinha, seu relato passa ser mais interessante:

“*Uma névoa baixa subia da superfície das águas, parecendo que estavam a ferver. Bandos de baitacas, arçarís, periquitos, tuins e casais de araras, passavam em algazarra ou pousavam no arvoredo próximo, enchendo de gritos o acampamento*”.

Como um todo, a contribuição de Francisco de Barros Júnior para o conhecimento da avifauna, e por extensão de toda a fauna, sul-brasileira é muito restrita. Não vemos com os mesmos olhos de Pachaly *et al.* (2005) que essa obra traria importantes relatos pormenorizados da geografia, hidrografia, botânica e populações caboclas e indígenas do sul do Brasil. O autor, como sua própria modéstia admite textualmente, restringiu-se a citar algumas espécies de aves de interesse puramente cinegético, quase todas elas desprovidas de qualquer interesse biogeográfico. Criticamente observa-se

¹ Tivemos acesso apenas à 2ª edição desta obra (publicada em São Paulo pela Edições Melhoramentos, com um total de 370 páginas) sobre a qual baseiam-se todas as citações aqui consideradas. Infelizmente, a versão não apresenta data de publicação, embora a 1ª edição deste volume seja tradicionalmente atribuída ao ano de 1945.

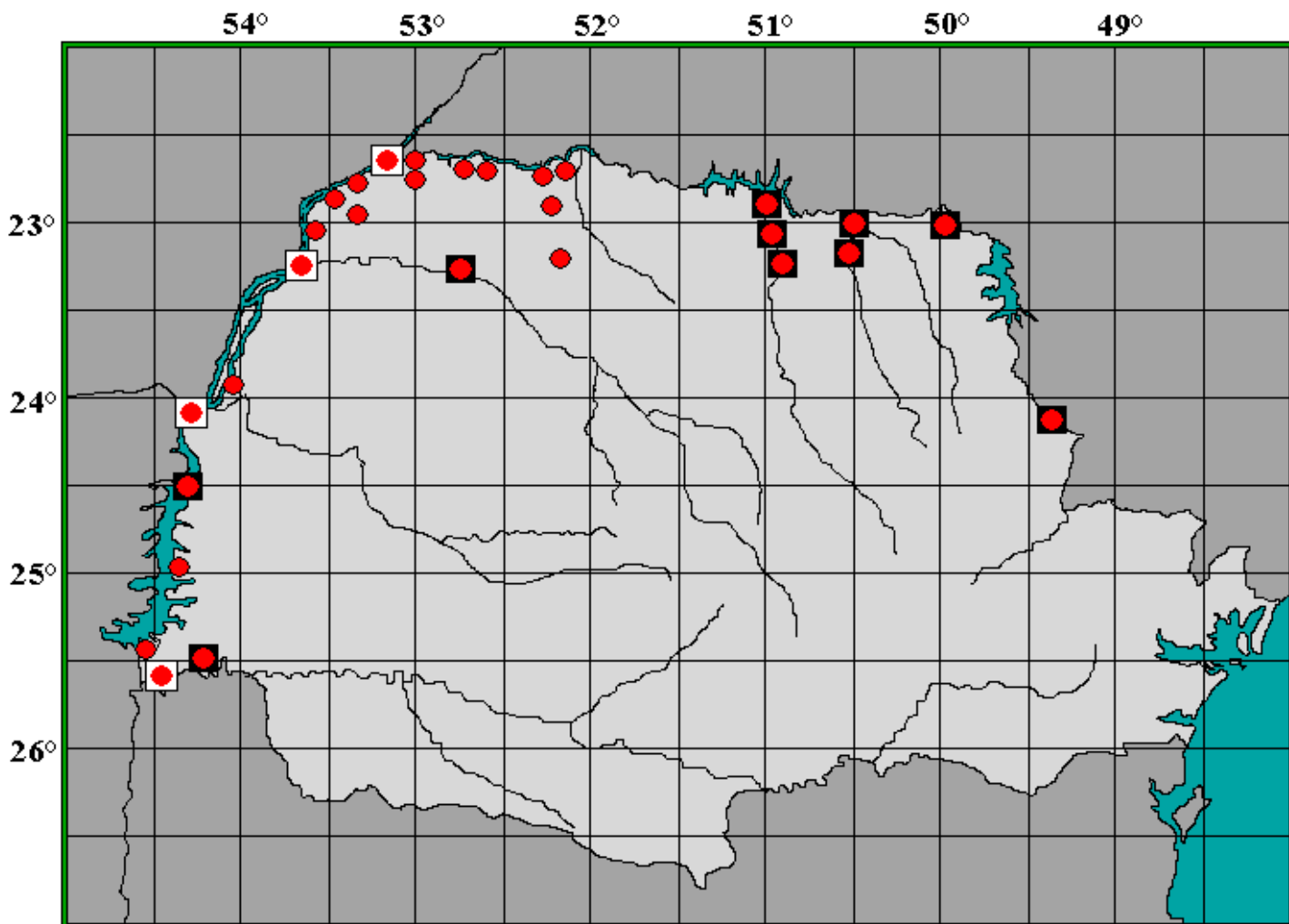


FIGURA 12. Distribuição da arara-vermelha (*Ara chloropterus*) no Paraná, de acordo com as fontes abordadas no presente estudo. Quadrados pretos com círculo vermelho indicam registros anteriores à década de 80; círculos vermelhos mostram registros posteriores a essa década; quadrados brancos com círculo vermelho apontam localidades onde ocorreram registros antigos e recentes (posteriormente a 1980). Localidades muito próximas são incluídas em um único ponto.

que as citações à avifauna encontrada são de uma pobreza incondizente com a sua experiência de viajante e, de uma leitura atenta, não pode-se esperar nada muito além da sua condição de caçador.

Como já tratado anteriormente, muitas informações geográficas e cronológicas, embora insuspeitas quanto à fidedignidade, são também confusas, em virtude da própria apresentação do livro, intercalando relatos colhidos em várias regiões do sul e do sudeste do Brasil sem uma coerência muito nítida de datas.

O valor das crônicas de Barros Júnior, no entanto, merece crédito como um ensaio da abundância de certas espécies em algumas regiões, servindo-se desta forma como mais um testemunho do processo irreversível de antropização do interior do Paraná a partir da década de 40. No caso particular dos “casais de araras” que, por pura dedução biogeográfica, admitimos como alusivos à arara-vermelha (*Ara chloropterus*) pode-se consignar o registro, então, para a região situada às margens do Rio Laranjinha, próximo de sua foz no Rio Paranapanema, entre os atuais municípios de Santa Mariana e Itambaracá (aproximadamente: 23°00'57”S e 50°27'56”W).

RELATOS HISTÓRICOS COMO FONTES CIENTÍFICAS: DISTRIBUIÇÃO E CONSERVAÇÃO

Informações fidedignas sobre ocorrência de algumas espécies de interesse na biogeografia e conservação não devem ser colhidas apenas em fontes técnicas tradicionais. Muitos desses dados, sepultados pela ortodoxia na pesquisa bibliográfica por parte dos estudiosos, merecem especial destaque e reavaliação, uma vez que

se constituem de informações únicas, ou no mínimo complementares, sobre a existência pretérita de diversas espécies, já raras ou mesmo extintas em certas regiões onde, no passado, eram notáveis ou até mesmo abundantes.

São, de fato, inúmeras as fontes históricas, geralmente não acessadas pelos ornitólogos, que se referem a essas aves, trazendo com propriedade muitas e valiosas informações, até certo ponto inusitadas, sobre algumas localidades onde ocorreram no passado. Esse é um capítulo importante na disciplina da História Ambiental que, por avaliação de bases documentais bastante diversificadas, contribui para o conhecimento das condições biológicas ao longo do tempo, assim como de suas múltiplas variações em decorrência dos processos antrópicos.

Uma compilação resumida sobre localidades de registro de araras (*Ara chloropterus* e *Ara ararauna*) no Estado do Paraná foi apresentada por Straube *et al.* (2004), agrupando 10 localidades de ocorrência, todas elas com indicativo de presença para a primeira espécie e apenas três para a segunda; em seguida, Scherer-Neto *et al.* (2009) adicionaram vários outros pontos de ocorrência (Figura 12 e 13; Tabela 1), com base em pesquisas de campo recentes.

Ao avaliar o mapa que poder-se-ia construir mediante tais informações, observam-se lacunas de distribuição o que poderia, ao observador desatento, levar a concluir sobre tais atributos como padrões diferenciados de distribuição ou, ainda, duvidar de certos registros. Um *gap* claramente notável nesse sentido, estaria entre os municípios de Inajá, no norte do estado, e o de Sengés, na região

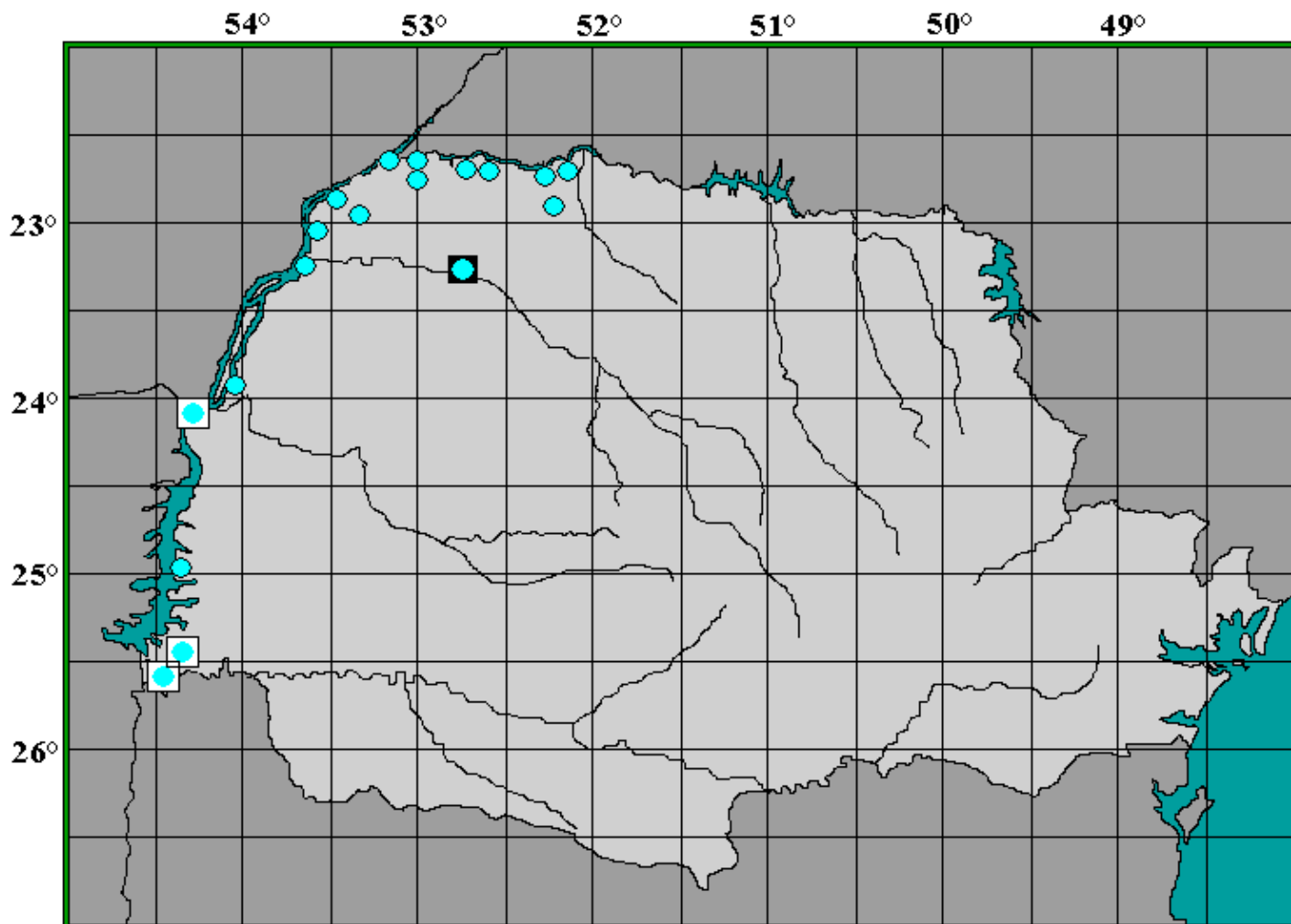


Figura 13. Distribuição da arara-canindé (*Ara ararauna*) no Paraná, de acordo com as fontes abordadas no presente estudo. Quadrados pretos com círculo azul indicam registros anteriores à década de 80; círculos azuis mostram registros posteriores a essa década; quadrados brancos com círculo azul apontam localidades onde ocorreram registros antigos e recentes (posteriores a 1980). Localidades muito próximas são incluídas em um único ponto.

nordeste (vide mapa em Scherer-Neto *et al.* 2009). Com base nas informações aqui apresentadas, esse grande espaço geográfico pode ser facilmente preenchido, mediante as informações colhidas no Norte Pioneiro e, ainda, ao longo do Rio Tibagi (Figuras 12 e 13; Tabela 1).

A questão dos registros históricos não-técnicos também pode ser associada a certas discussões referentes à conservação de algumas aves em território paranaense. Mendonça *et al.* (2009), por exemplo, questionam o fato de quatro espécies em particular (*Crax fasciolata*, *Anhima cornuta*, *Ara ararauna* e *A. chloropterus*) terem sido consideradas “em risco de extinção” ou “criticamente ameaçadas” no Estado do Paraná por Straube *et al.* (2004), indicando – inclusive – que seriam “currently found, in the mentioned State, mostly in the valley of the Paraná River”.

Essa afirmação discorda frontalmente do afirmado por Gimenes *et al.* (2007) que mencionam apenas a última espécie como ocorrente em um dos subsistemas hidrográficos referente ao território paranaense, a saber: *Anhima cornuta*: “Subsistema: Baía e Ivinhema”, *Crax fasciolata*: “Subsistema: Ivinhema”, *Ara ararauna*: “Subsistema: Baía e Ivinhema” e *Ara chloropterus*: “Subsistema: Paraná, Baía e Ivinhema” (Gimenes *et al.* 2007, respectivamente nas páginas 57, 62, 114 e 115). Também Anjos & Seger (1988) não registram nenhum dos quatro táxons em estudo de campo ali realizado, tanto no Paraná quanto no Mato Grosso do Sul, ainda que um dos sítios amostrados por esses autores, coincidente com a região do chamado Paredão das Araras, tenha sido um importante ponto de concentração das duas espécies de araras na foz do Rio Ivaí; ali,

os grupos que eram vistos às centenas, atualmente foram reduzidos a alguns indivíduos ocasionais.

Aqui cabe lembrar que os critérios adotados para a definição das espécies e respectivos status de ameaça, quando da elaboração do “Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Estado do Paraná” (Mikich & Bérnils eds. 2004), baseiam-se no preconizado pela IUCN, adotando-se o caráter regional de abordagem. Nesse sentido, embora o Paraná efetivamente conte com registros documentados dessas quatro espécies, a presença das mesmas (no âmbito estadual) parece claramente declinante ao longo de várias décadas que coincidem com o início do devastador processo de colonização que se estabeleceu no interior do estado desde a década de 40. O indicativo mais óbvio disso está exatamente no Rio Tibagi, onde centenas de indivíduos da arara-vermelha foram repetidamente flagrados no Século XIX na região hoje inundada pelo reservatório da UHE-Capivara. Adicionalmente, uma situação semelhante pode ser atribuída ao nordeste do Paraná, onde consta um único registro datado de 1821 e também no norte pioneiro, um século depois (1921). Estudos recentes levados a efeito em ambas as regiões (Carrano & Ribas 2000, Scherer-Neto *et al.* 1996, 2008, 2009; Straube *et al.* 2005) apontam para o desaparecimento local da arara-vermelha (*Ara chloropterus*), situação que – em escala de distribuição estadual – somaria mais da metade da distribuição conhecida para a espécie no estado do Paraná.

Concordamos plenamente que as aves citadas possam, atualmente, ser encontradas com razoável facilidade ao longo do alto Rio Paraná, o que coincide inclusive com nossas próprias observa-

ções levadas a efeito nos últimos anos nas porções limítrofes do Mato Grosso do Sul (p.ex. vale dos rios Dourados, Ivinhema, Baía, Paraná e Parapanema) e São Paulo (vila de Porto Primavera, cidade de Teodoro Sampaio). No entanto, esses estoques populacionais se concentram muito mais nos domínios políticos sulmatogrossenses. *Crax fasciolata*, por exemplo, foi citada em várias fontes históricas para algumas regiões paranaenses (Straube & Bornschein, 1989, 1995) mas, nas últimas décadas, foi encontrada em apenas duas localidades neste Estado, sendo uma delas passível de suspeitas (cf. Straube *et al.* 2004:196); o mesmo pode-se afirmar sobre *Anhima cornuta*, com três registros recentes e somente um deles documentado no âmbito paranaense (cf. Patrial 2008, Scherer-Neto *et al.* 2008).

Com isso, parece claro que uma análise profunda dos sítios históricos de ocorrência de muitas espécies de interesse conservacionista é fundamental para a sua indicação e determinação de status, ação essa julgada não somente relevante como indispensável ao conhecimento da distribuição geográfica ao longo dos tempos. Um dos fragmentos literários que melhor explica a presente argumentação, nos é fornecido por Teixeira & Papávero (2006):

“Na verdade, ao registrar a presença de peixes-boi, *Trichechus manatus*, e de araras-vermelhas, *Ara chloroptera*, para o sul da Bahia, os relatos de Pero Vaz de Caminha e do “Piloto Anônimo” oferecem uma forte evidência das grandes alterações observadas na distribuição de vários elementos da fauna brasileira ao longo dos últimos quinhentos anos, fenômeno cuidadosamente esquecido por boa parte dos biólogos contemporâneos [...]. No caso, essa lacuna constitui exemplo bastante eloquente do desprezo conferido aos dados históricos pela bibliografia zoológica convencional, havendo trabalhos incapazes até mesmo de levar em conta publicações trazidas à luz há poucas décadas [...].”

Outro aspecto a ser considerado, particularmente no caso da arara-canindé (*A. ararauna*), é a dinâmica dos processos de distribuição geográfica decorrentes de simples ampliações de distribuição ou mesmo de intervenções humanas. Até o ano de 1996, por exemplo, ela não havia sido constatada na região noroeste do Paraná (Straube *et al.* 1996); essa situação modificou-se drasticamente quando, por meio de estudo levado a cabo por Scherer-Neto *et al.* (2009), somaram-se pelo menos 16 localidades de registro, dentre constatações pessoais dos autores e dados oriundos de anamneses. Aí a discussão associa-se a outro detalhe, também importante, referente a solturas de indivíduos oriundos de cativeiro, as quais podem estar fomentando consideravelmente as populações de ambas as espécies nas zonas mais quentes do estado do Paraná. Várias iniciativas como essa, embora ainda não documentadas mas de conhecimento geral, foram realizadas nas últimas décadas, destacando-se as translocações de *Ara ararauna* na Estação Ecológica do Caiuá por Pedro Scherer Neto (Scherer-Neto 2005).

Diferentemente de tais propostas embasadas, enquadra-se a questão de escapes (involuntários) e solturas (voluntárias) de arara-canindé em alguns setores de tríplice fronteira, o que tornou o assunto praticamente insolúvel de esclarecimento, visto a falta de detalhes, mesmo nas fontes históricas. É sabido, por exemplo, de episódios como esses ligados a *Aratinga jandaya* e *Trichloria malachitacea* (Chebez 2008, 2009) inesperadamente encontrados em Misiones (Chebez 2008, 2009); também causou surpresa o registro de *Myiopsitta monachus* na cidade de Foz do Iguaçu, inclusive com reprodução documentada (L. Chiyo e I. Schneiberg *in litt.*, 2008). Segundo Chebez (2008) a situação desses psitacídeos é muito diferente daquela observada para *Anodorhynchus glaucus* e alguns registros especiais de *Ara chloropterus*, os quais são claramente descritos nas crônicas de viajantes, ao contrário da arara-canindé,

cujas presenças na Argentina é baseada em informações tão vagas que não permitem garantia alguma quanto à sua identificação.

Um aspecto igualmente importante está na detectabilidade de ambas as espécies e que pode influenciar decisivamente no conhecimento de suas áreas de ocorrência. Araras costumam deslocar-se por muitos quilômetros ao longo do dia, obedecendo um padrão que se altera sazonalmente conforme a fenologia das plantas de que se alimentam. É comum, desta forma, que passem pelos mesmos locais em horários repetitivos do dia, o que pode resultar em frequentes flagrantes visuais ou – nem sempre – auditivos. Se um observador estiver exatamente naquele ponto, no momento em que elas cruzam o céu e, ainda, se elas vocalizarem, por certo esse detalhe irá chamar a sua atenção; por questão de alguns minutos, no entanto, poderá perder por completo a oportunidade de um registro no mesmo local.

É sabido que muitos pesquisadores mais experientes possuem um certo *feeling* que os permite alertá-los sobre a possível presença de araras, com base em aspectos muito especiais e interligados do ambiente como a paisagem, estrutura orográfica, o clima, a vegetação e a presença de algumas espécies de plantas (especialmente palmeiras). Com esses indicativos, passam a apurar – talvez instintivamente – a sua sensibilidade, concentrando buscas visuais em estratos aéreos mais favoráveis aos encontros e mesmo a uma percepção auditiva mais atenta, a fim de escutar – a longa distância – os gritos que são peculiares destas aves.

Todos esses detalhes guardam enorme importância na inevitável relação entre número de animais eventualmente observados e a real população da espécie em dada região. Nesse sentido, informações sobre frequência e abundância de araras podem gerar conclusões diametralmente opostas, uma delas ligada ao contato nos pontos em que precisamente elas podem passar durante seu deslocamento diário e, a outra, concernente ao número de indivíduos existentes na natureza. Associado ao evidente declínio que as duas espécies sofreram no Paraná, como comprovamos neste estudo, isso poderia explicar o porquê de alguns observadores ou naturalistas não terem encontrado nenhuma delas em certos locais paranaenses e outros, por sua vez, terem obtido farta documentação, visual ou física, de vários indivíduos.

Com o presente estudo, além de oferecer os necessários argumentos para o entendimento da distribuição passada das duas espécies de araras ocorrentes no Paraná, pretendo também alertar os pesquisadores sobre a grande quantidade de informações existentes e disponíveis na literatura não especializada. Embora muitos desses dados sejam factíveis de suspeitas, uma parte considerável deles apresenta-se satisfatoriamente apresentada, inclusive no que se refere à identificação, denominação, localização e datação. Espero, ainda, estimular uma nova reflexão e buscas menos herméticas, o que resultará em um quadro biogeográfico bastante distinto daquele que se compõe atualmente, quase todo construído mediante consultas a bibliotecas especializadas.

Agradecimentos:

Sou grato a meu pai Ernani C. Straube e aos amigos José Carlos Veiga Lopes e Alessandro Casagrande, pela orientação e cessão de literatura fundamental aqui considerada; a esse último devo a foto, verdadeira preciosidade, mostrando Andreas Mayer em plena atividade de colecionamento. Pedro Scherer-Neto e Juan Carlos Chebez forneceram dados valiosos sobre distribuição geográfica e sítios de ocorrência das araras e Thomas J. Trombone (*American Museum of Natural History*) cedeu dados e as fotos do espécime da coleção Kaempfer. O grande amigo Cassiano Zapparoli (Zapa), a Mater Natura (por meio de Paulo A. Pizzi), José dos Santos Camargo (Associação dos Monitores Ambientais de Itararé) e Antonio Liccardo (GeoturismoBrasil) cederam gentilmente algumas fotos que

ilustram este artigo. Luis Fábio Silveira e especialmente Marina Somenzari contribuíram com informações sobre os espécimes do Museu de Zoologia (USP, São Paulo). A todas essas pessoas agradeço sinceramente pela colaboração prestada. Dedico esse estudo a meu filho YAGO VIEIRA DAROCHA STRAUBE, esperando que, no futuro, ele possa viajar com o “vô Pedro” para ver araras voando e gritando alegremente pelas paisagens paranaenses, salvas ou recuperadas pelo mesmo Homem que as destruiu.

Referências Bibliográficas

- Abreu, A.F. de; Abreu, C.F. de & Correia, M.F.F. (1896) *Mapa do Estado do Paraná*. Curitiba, Secretaria das Obras Públicas e Colonização do Estado. Escala 1:20.000.
- Aguirre, A.C. & Aldrichi, A.D. (1983) *Catálogo das aves do Museu da Fauna*: primeira parte. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal-IBDF. 143 pp.
- Anjos, L. dos & Schuchmann, K.L. (1997) Biogeographical affinities of the avifauna of the Tibagi river basin, Paraná drainage system, southern Brazil. *Ecotropica* 3(1):43-66.
- Anjos, L. dos & Seger, C.D. (1988) Análise da distribuição das aves em um trecho do rio Paraná, divisa entre os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 31(4):603-612.
- Anjos, L. dos; Schuchmann, K.L. & Berndt, R.A. (1997) Avifaunal composition, species richness, and status in the Tibagi River Basin, Parana State, southern Brazil. *Ornitologia Neotropical* 8:145-173.
- Arzuza, M.; Onofrio, V.C. & Barros-Battesti, D.M. (2005) Catalogue of the thick collection (Acari, Ixodida) of the Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba, Paraná, Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia* 22(3):623-632.
- Baldus, H. (1947). Vocabulário zoológico Kaingang. *Arquivos do Museu Paranaense* 6:149-160.
- Barros, D.M. & Baggio, D. (1992). Ectoparasites Ixodida Leach, 1817 on wild mammals in the State of Paraná, Brazil. *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz* 87(2):291-296.
- Barros-Júnior, F. de (1945). *Caçando e pescando por todo o Brasil*. 1ª. Série, Brasil Sul. 2ª. Edição. São Paulo, Edições Melhoramentos. 370 pp.
- Bérnils, R.S. & Moura-Leite, J.C. de. (1990). A contribuição de André Mayer à História Natural no Paraná: III. Répteis. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 33(2):469-480.
- Bertonio, A. de W. (1901). *Aves nuevas del Paraguay: continuación à Azara*. Assunção. H.Kraus. 216 p.
- Bigg-Wither, T.P. (1876a). The valley of the Tibagy, Brazil. *Proceedings of the Royal Geographical Society of London* 20(6):455-469.
- Bigg-Wither, T.P. (1876b). The valley of the Tibagy, Brazil. *Journal of the Royal Geographical Society of London* 46: 263-277.
- Bigg-Wither, T.P. (1878). *Pioneering in south Brazil: three years of forest and prairie life in the Province of Paraná*. Londres, John Murray. 2 vols., 378+328 p. [Traduzido para o português em 1980 pela José Olympio (Rio de Janeiro) e pela Imprensa Oficial do Paraná (Curitiba), com o título “Novo caminho no Brasil Meridional. A Província do Paraná: três anos em suas florestas e campos, 1872/1875 (420 p.)].
- Borba, N. (1898) Excursão ao Salto da Guayra ou Sete Quedas pelo capitão Nestor Borba - notas e considerações geraes pelo engenheiro André Rebouças. *Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* 61(1):65-74.
- Borba, T. (1908). *Atualidade indígena, Paraná – Brazil*. Curitiba, Imprensa Paranaense. 172 pp.
- Bornschein, M.R. & Reinert, B.L. (2000). Aves de três remanescentes florestais do norte do Estado do Paraná, com sugestões para a conservação e manejo. *Revista Brasileira de Zoologia* 17(3):615-633.
- Bucher, E. (1990). Álvaro Aguirre (1899-1987). *Araçajuba* 1:123-124.
- Camargo, H.F. de A. 1962. Sobre a viagem de Emil Kaempfer ao Brasil. *Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia de São Paulo* 15:79-80.
- Carrano, E. & Ribas, C.F. (2000). Novos registros de aves para a região de cerrado no Paraná. *Atualidades Ornitológicas* 94:12-13.
- Carvalho, A. de. (1924). *Manual do caçador ou caçador brasileiro*. São Paulo, ed. do autor. 164 pp.
- CBRO. 2009. Listas das aves do Brasil. 8ª Edição. Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (2009); disponível em <http://www.cbro.org.br>. Acesso em: 3 de outubro de 2009.**
- Chebez, J. C. & Casañas, H. (2000). *Áreas claves para la conservación de la biodiversidad de la Provincia de Misiones, Argentina (Fauna Vertebrada)*. In: FVSA (Fundación Vida Silvestre Argentina) e WWF (World Wildlife Fund) (Coord.). *Memorias del taller “Visión Biológica de la Selva Atlántica”*. Foz do Iguaçu: Fundación Vida Silvestre Argentina.
- Chebez, J.C. (1994). *Los que se van: especies argentinas en peligro*. Buenos Aires, Albatros. 604 p.
- Chebez, J.C. (1996). *Fauna Misionera: Catálogo sistemático y zoogeográfico de los vertebrados de la Provincia de Misiones (Argentina)*. Buenos Aires, L.O.L.A. Monografía Lola nº 5. 318 pp.
- Chebez, J. C. (2008). *Los que se van: Fauna argentina amenazada*. Tomo 2. Aves. Buenos Aires, Editorial Albatros. 414 pp.
- Chebez, J. C. (2009). *Otros que se van: Fauna argentina amenazada*. Buenos Aires, Editorial Albatros. 545 pp.
- Chebez, J.C., Rey, N.R., Babarskas, M. & Di Giacomo, A.G. (1998). *Las aves de los Parques Nacionales de la Argentina*. Buenos Aires, Editorial LOLA. Monografía LOLA 12, 126 p.
- Choris, L. 1826. *Vues et paysages des régions équinoxiales recueillis dans un voyage autour du monde*. Paris, Paul Renouard.
- Coelho-Júnior, [C.A.T.]. (1946). *Pelas selvas e rios do Paraná*. Curitiba, Editora Guaíra Limitada. 188 pp.
- Collar, N.J.; Gonzaga, L.P.; Krabbe, N.; Madroño-Nieto, A.; Naranjo, L.G.; Parker III, T.A. & Wege, D.C. (1992). *Threatened birds of the Americas*. Cambridge, ICBP-IUCN.
- Cordeiro, A.A. de M. e Corrêa, M.F. de M. (1985). Histórico do acervo ictiológico da Divisão de Zoologia e Geologia da Prefeitura Municipal de Curitiba. *Boletim da Divisão de Zoologia e Geologia, Zool.* 1:1-8.
- Corrêa, E.A. & Silva, J. de L.E. (1995). Lista das espécies de Dendrobranchiata e Caridea (Crustacea, Decapoda) do Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba e do Centro de Estudos do Mar, Paranaguá, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia* 12(1):211-220.
- Elliott, J.H. (1847). Resumo do itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema e seus afluentes, pelo Paraná, Ivahy e sertões adjacentes. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* 9:17-42.
- Elliott, J.H. (1848). Itinerário das viagens exploradoras empreendidas pelo Sr. barão de Antonina para descobrir uma via de comunicação entre o porto da villa de Antonina e o Baixo Paraguay na provincia de Mato Grosso: feitas nos annos de 1844 e 1847 pelo sertanista o Sr. Joaquim Francisco Lopes, e descritas pelo Sr. João Henrique Elliott (Manuscripto inedito offerecido ao Instituto pelo mesmo Sr. barão de Antonina, seu socio correspondente). *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, Segunda Série*, 3(10):153-177.
- Elliott, J.H. (1930). Itinerário de huma viagem de exploração pelos rios Verde, Itararé, Paranapanema, e os sertões adjacentes mandado fazer pelo Barão de Antonina. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo* 28:230-267.
- Elliott, J.H. [1857]. (2007). Itinerário de uma viagem exploradora pelos rios Iguatemi, Amambá, e parte do Ivinhema, com os terrenos adjacentes começado no dia 3 de agosto de 1857, por Joaquim Francisco Lopes e João Henrique Elliott. In: (p.117-152) IHGMS. *As derrotas de Joaquim Francisco Lopes*. Campo Grande, Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. Série Relatos Históricos, Volume II.
- Fúlforo, V.J.; Etchebehere, M.L.; Saad, A.S. & Perinotto, A.J. (2005). The Araras Scarpment in the upper Paraná river: implications to fluvial tectonics on the Paraná drainage net evolution. *Revista Brasileira de Geomorfologia* 6(1):115-122.
- Galetti, M., Guimarães-Jr., P.R. & Marsden, S.J. 2002. Padrões de riqueza, risco de extinção e conservação dos psitacídeos neotropicais. In: p.17-26, M.Galetti & M.A.Pizzo (eds.). *Ecologia e conservação de psitacídeos no Brasil*. Belo Horizonte, Melopsittacus Publicações Científicas.
- Gimenes, M.R.; Lopes, E.V.; Loures-Ribeiro, A.; Mendonça, L.B. & Anjos, L. dos. (2007). *Aves da planície alagável do alto rio Paraná*. Maringá, Editora da Universidade Estadual de Maringá. 281 pp.
- Goeldi, E.A. (1896) Johannes von Natterer. *Biographia. Boletim do Museu Goeldi* 1(3):189-217.
- Gutsche, A.; Kwet, A.; Kucharzewski, C.; Lingnau, R. & Günther, R. (2007). Wilhelm Ehrhardt and an evaluation of his amphibians and reptiles held in the Herpetological Collection of the Museum für Naturkunde, Berlin. *Mitteilungen Museum für Naturkunde, Berlin, Zoologische Reihe* 83(1):80-93.
- Hinkelmann, C. e Fiebig, J. (2001). An early contribution to the avifauna of Paraná, Brazil. The Arkady Fiedler expedition of 1928/29. *Bulletin of the British Ornithologists' Club* 121(2):116-127.
- Horrocks, G. (2008). *Professor Bigarella: uma luta ambiental*. Documentário em DVD. Curitiba, Prefeitura Municipal de Curitiba, Positivo, Plantar: Central de Jardinagem Orgânica. 65 min, NTSC, colorido.
- IBGE. (1950). *Vocabulário geográfico do Estado do Paraná: contribuição para o dicionário geográfico brasileiro*. Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Série IEP nº 3. 148 p.
- Ihering, H. von & Ihering, R. von. (1907). *Catalogos da fauna brasileira editados pelo Museu Paulista: S.Paulo-Brazil*. Volume I: As aves do Brasil. São Paulo, Typographia do Diário Oficial. 482 p.
- Ihering, H. von. (1898). As aves do estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista* 3:113-476.
- Ihering, H.von. (1902b). Natterer e Langsdorff: exploradores antigos do Estado de São Paulo. *Revista do Museu Paulista* 5:13-34.
- Ihering, R. von. (1967). *Da vida dos nossos animais*. Fauna do Brasil. São Leopoldo, Rotermund S.A. 320 p.
- Jaczewski, T. (1925). The Polish Zoological Expedition to Brazil in the years 1921-1924. Itinerary and brief reports. *Annales Zoologici Musei Polonici Historiae Naturalis* 4(4):326-351.
- Koch, Z. & Bóçon, R. (1994). *Guia ilustrado das aves comuns [do] Parque Nacional do Iguaçu*. Curitiba, Zig Fotografias e Produções Culturais. 38 pp.

- Kózak, V.; Baxter, D.; Williamsom, L. e Carneiro, R.L. (1981). Os índios Héta: peixe em lagoa seca. *Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense* 38:1-159.
- Kózak, V.; Baxter, D.; Williamsom, L. e Carneiro, R.L. (1979). The Héta indians: fish in a dry pond. *Anthropological Papers of the American Museum of Natural History* 55(6):349-434.
- Laffranchi, A. ([1958]). *Nos sertões do rio Paraná: caçadas, pescarias e peripécias nas matas e rios*. São Paulo, Edições Melhoramentos. 334 p.
- Leão, A.E.de. (1934). *Índice paranaense [ou] Suplemento [do] Dicionário histórico e geográfico do Paraná*. Curitiba, Imprensa Paranaense. 215+120 pp.
- Leão, E.A.de. (1924-1928). *Dicionário histórico e geográfico do Paraná*. Curitiba, Imprensa Paranaense. 2594 pp.
- Lellis da Silva, C. (1865). Diário da viagem feita pelos sertões de Guarapuava ao Rio Paranapanema. *Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil* 28(1):1-31.
- Lorini, M.L. & Persson, V.G. (1990). A contribuição de André Mayer à História Natural no Paraná (Brasil). II. Mamíferos do Terceiro Planalto Paranaense. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 32(1):117-132.
- Loyola-e-Silva, J. de. (1969). Zoologia no Paraná. [p.243-438] In: F.El-Khatib ed. *História do Paraná*, 2º volume. Curitiba, Grafipar. 438 pp.
- Maack, R. (1941). Algumas observações a respeito da existência e extensão do arenito superior São Bento ou Caiuá no Estado do Paraná. *Arquivos do Museu Paranaense* 1:107-139.
- Maack, R. (1953). *Mapa geológico do Estado do Paraná*. Edição da Comissão de Comemorações do Centenário do Paraná (1853-1953). Curitiba, Governo do Paraná. Mapa de escala 1:750.000.
- Maack, R. (1981). *Geografia física do Estado do Paraná*. Curitiba, Livraria José Olympio e Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte do Paraná. 442 p.
- Macedo, F.R.A. (1951). *Conquista pacífica de Guarapuava*. Curitiba, GERPA. 275 pp.
- Martins, R. (1899). O escudo do estado do Paraná. In: *Almanach do Paraná para 1899*. Curitiba, Livraria Econômica.
- Martins, R. (1906). *Relatório apresentado ao Exmo. Sr.Dr. B.Lamenha Lins, Secretário d'Estado dos Negócios do Interior pelo Diretor do Museu Paranaense, em 1º de janeiro de 1906*. Curitiba, Imprensa Paranaense. 32 pp.
- Martins, R. (1921). *Mapa geral do estado do Paraná*. Curitiba, edição do autor. Mapa em escala 1:1.000.000.
- Martins, R. (1940). Vózes indígenas na toponímia do Paraná. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico Paranaense* (2ª fase) 5(11):1-26.
- Mendonça, L.B.; Lopes, E.V. & Anjos, L. dos. (2009). On the possible extinction of bird species in the Upper Paraná River floodplain, Brazil. *Brazilian Journal of Biology* 69(2, supl.):747-755.
- Mikich, S.B. & Bérnills, R.S. (eds.) (2004). *Livro vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná*. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná e Mater Natura. 765 p.
- Moreira, J.E. (1975). *Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá (até a emancipação da Província do Paraná)*. Curitiba, Imprensa Oficial. 3 vols. 1045 pp.
- Naka, L.N. & Rodrigues, M. (2000). *As aves da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Editora da UFSC. 294 pp.
- Naumburg, E.M.B. (1935). Gazetteer and maps showing stations visited by Emil Kaempfer in eastern Brazil and Paraguay. *Bulletin of the American Museum of Natural History* 68: 449-469.
- Naumburg, E.M.B. (1937). Studies of birds from eastern Brazil and Paraguay, based on a collection made by Emil Kaempfer: Conopophagidae, Rhinocryptidae, Formicariidae (part). *Bulletin of the American Museum of Natural History* 74(3):139-205.
- Naumburg, E.M.B. (1940). Studies of birds from eastern Brazil and Paraguay, based on a collection made by Emil Kaempfer: Formicariidae (part). *Bulletin of the American Museum of Natural History* 76(6):231-276.
- Pachaly, J.R.; Ceschini, T.L.; Carvalho, L.R.M. de & Margarido, T.C.C. (2005). A contribuição de Francisco de Barros Jr. ao conhecimento da fauna de vertebrados da região sul do Brasil. *Arquivos de Ciências Veterinárias e Zoologia da Unipar* 8(2):125-130.
- Patrial, E.W. (2008). Registro documentado de *Anhima cornuta* (Aves: Anhimidae) para o Estado do Paraná. *Atualidades Ornitológicas* 146:41-42.
- Pelzeln, A. von. (1871). *Zur Ornithologie brasiliens: Resultate von Johann Natterers reisen in den Jahren 1817 bis 1835*. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. 462 pp + xx (Itinerarium, von Natterer's Reisen in Brasilien von 1817-1835
- Pereira, A.N. (1942). *Aspectos meridionais do Brasil*. Curitiba, Ed.Guairá; estante Guairacá, estudos nacionais n° 3, 279 pp.
- Pinto, O.M.de O. (1938). *Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares que as representam no Museu Paulista: 1ª parte, Aves não Passeriformes e Passeriformes não Oscines excluída a Fam.Tyrannidae e seguintes*. Revista do Museu Paulista 22:1-566.
- Pinto, O.M. de O. (1944). *Catálogo das Aves do Brasil e lista dos exemplares na coleção do Departamento de Zoologia: 2ª parte, Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres*. São Paulo, Departamento de Zoologia. 700 pp.
- Pinto, O.M. de O. (1945). Cinquenta anos de investigação ornitológica. *Arquivos de Zoologia* 4:261-340.
- Pinto, O.M.de O. (1979). *A Ornitologia no Brasil através das idades (século XVI a século XIX)*. São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. Coleção Brasileira Documenta vol.13, 117 pp.
- Pinto-da-Rocha, R. & Caron, S. de F. (1989). Catálogo do material-tipo da Coleção de Arachnida Rudolf Bruno Lange do Museu de História Natural "Capão da Imbuia". *Revista Brasileira de Biologia* 49(4):1021-1029.
- Rebouças, A. (1898). Notas e considerações geraes pelo engenheiro André Rebouças. *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 61(1):74-87.
- Rokitansky, G. (1957). Johann Natterer, Erster Ornithologe Oesterreichs. *Journal für Ornithologie* 98(2):133-144.
- Saint-Hilaire, A. de. (1830). *Voyage dans l'intérieur du Brésil, Tome Second: Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes*. Paris, Grimbert et Dorez, 478 pp.
- Saint-Hilaire, A. de. (1847). *Voyage dans l'intérieur du Brésil: Voyage aux sources du Rio de San-Francisco et dans le Province de Goyaz*. Paris, Arthus Bertrand, Libraire-Éditeur, 349 pp.
- Saint-Hilaire, A. de. (1851). *Voyage dans l'intérieur du Brésil, quatrième partie: Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Saint-Catherine, Tome Second*. Paris, Arthur Bertrand, Libraire-Éditeur, 423 pp.
- Scherer-Neto, P. & Straube, F.C. (1995). *Aves do Paraná: história, lista anotada e bibliografia*. Campo Largo: Logos Press, 79 pp.
- Scherer-Neto, P. (1983). Avifauna do extinto Parque Nacional de 7 Quedas, Guaira, Estado do Paraná. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 26(4):488-494.7.
- Scherer-Neto, P. (2005). Reintrodução de fauna em unidades de conservação: princípios e cuidados. p. 130-137 In: J.B.Campos, M.de G.P.Tossulino & C.R.C.Müller (eds.). *Unidades de conservação: ações para valorização da biodiversidade*. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná.
- Scherer-Neto, P.; Carrano, E. & Ribas, C.F. (2008). Composição e conservação da avifauna da Estação Ecológica do Caiuá, noroeste do Paraná e regiões adjacentes. *Cadernos de Biodiversidade* 6(1):32-45
- Scherer-Neto, P.; Straube, F.C. & Bornschein, M.R. (1996). Avifauna e conservação dos campos cerrados no Estado do Paraná (Brasil). *Acta Biologica Leopoldensia* 18(1):145-157.
- Scherer-Neto, P.; Terto, A.C. & Carrano, E. (2009). Ocorrência, ecologia e conservação de arara-vermelha-grande *Ara chloropterus* e arara-canindé *Ara ararauna* no estado do Paraná. *Cadernos de Biodiversidade* 6(2):22-29.
- Schubart, O.; Aguirre, A.C. & Sick, H. (1965). Contribuição para o conhecimento da alimentação das aves brasileiras. *Arquivos de Zoologia do Estado de São Paulo* 12:95-159.
- Sick, H. (1997). *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
- Sick, H., Rosário, L.A. do & Azevedo, T.R. de (1981). Aves do estado de Santa Catarina: lista sistemática baseada em bibliografia, material de museu e observação de campo. *Sellowia (Zool.)* 1:1-51.
- Straube, E.C. (1987). *Símbolos do Paraná: evolução histórica*. Curitiba, Imprensa Oficial do Estado. 67 pp.
- Straube, F.C. & Bornschein, M.R. (1989). A contribuição de André Mayer à História Natural no Estado do Paraná. I. Sobre uma coleção de aves do extremo noroeste do Paraná e sul do Mato Grosso do Sul. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 32(2):441-471.
- Straube, F.C. & Bornschein, M.R. (1995). New or noteworthy records of birds from northwestern Brazil and adjacent areas (Brazil). *Bulletin of the British Ornithologists' Club* 115(4):219-225.
- Straube, F.C. & Scherer-Neto, P. (2001). História da Ornitologia no Paraná. p.43-116. In: F.C.Straube (Ed.). *Ornitologia sem fronteiras, incluindo os resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia (Curitiba, 22 a 27 de julho de 2001)*. Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.
- Straube, F.C. & Urben-Filho, A. (2002a). Tadeusz Chrostowski (1878-1923): biografia e perfil do patrono da Ornitologia paranaense. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná* 52:35-52.
- Straube, F.C. & Urben-Filho, A. (2002b). A contribuição das expedições polonesas (1910-1924) para a História Natural no Paraná. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná* 52:53-82.
- Straube, F.C. & Urben-Filho, A. (2004). Uma revisão crítica sobre o grau de conhecimento da avifauna do Parque Nacional do Iguaçu (Paraná, Brasil) e áreas adjacentes. *Atualidades Ornitológicas* 118:6 (resumo). Disponível na íntegra em <http://www.ao.com.br/download/avifapni.pdf>.
- Straube, F.C. & Urben-Filho, A. (2006). Dicionário geográfico das Expedições Zoológicas Polonesas ao Paraná. *Atualidades Ornitológicas* 133:29 (resumo); artigo online na íntegra em <http://www.ao.com.br/download/polones2.pdf>.
- Straube, F.C. (1993). Revisão do itinerário da Expedição Natterer ao Estado do Paraná (Brasil). *Acta Biologica Leopoldensia* 15(1):5-20.
- Straube, F.C. (2000). Johann Natterer (1787-1843): naturalista-maior do Brasil. *Nattereria* 1:4-13.
- Straube, F.C. (2005). Fontes para o conhecimento da riqueza da avifauna do estado do Paraná (Brasil). Ensaio comemorativo aos 25 anos do "Aves do Paraná" de Pedro Scherer Neto. *Atualidades Ornitológicas* 125:15; versão integral online em <http://www.ao.com.br/download/scherer2.pdf>.
- Straube, F.C. (2008). Um documento sobre a Missão Austríaca ao Brasil na mídia britânica do Século XIX. *Atualidades Ornitológicas* 142:12-13.
- Straube, F.C. (2009). Os guarás de Saint Hilaire. *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná* 60:200-219.
- Straube, F.C. (em prep.) *Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná*. Obra em preparação.

- Straube, F.C.; Bornschein, M.R. & Scherer-Neto, P. (1996). Coletânea da avifauna da região noroeste do Estado do Paraná e áreas limítrofes (Brasil). *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 39(1):193-214.
- Straube, F.C.; Bornschein, M.R.; Reinert, B.L. & Pichorim, M. (1993). Estudo ornitológico dos adornos plumários do índios Hêta do noroeste do Paraná. *III Congresso Brasileiro de Ornitologia, Resumos* P28.
- Straube, F.C.; Krul, R. & Carrano, E. (2005). **Coletânea da avifauna da região sul do estado do Paraná (Brasil)**. *Atualidades Ornitológicas* 125:10 (resumo). Disponível na íntegra em <http://www.ao.com.br/download/sulpr.pdf>.
- Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Gatto, A.F.R. (2005). A avifauna do Parque Estadual do Cerrado (Jaguariaíva, Paraná) e a conservação do cerrado em seu limite meridional de ocorrência. *Atualidades Ornitológicas* 128:29 (resumo). Disponível na íntegra em <http://www.ao.com.br/download>.
- Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Kajiwaru, D. (2004). Aves. In: S.B.Mikich & R.S.Bérnils eds. *Livro Vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná*. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná, p. 145-496.
- Sztolcman, J. (1926). Étude des collections ornithologiques de Paraná. *Annales Zoologici Musei Polonici Historiae Naturalis* 5:107-196.
- Taunay, A. d'E. (1888). Os índios Caingangs (Coroados de Guarapuava). *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* 51 (supl.):251-310.
- Teixeira, D.M. & Papávero, N. 2006. Os animais do Decobrimento: a fauna brasileira mencionada nos documentos relativos à viagem de Pedro Álvares Cabral (1500-1501). *Publicações Avulsas do Museu Nacional* 111:1-136.
- Urban, I. (1908). Vitae itineraeque collectorum botanicorum, notae collaboratorum biographicarum, florum brasilensis ratio edendi chronologica systema, index familiarum, p.1-154. In K.P.von Martius *et al. Flora Brasiliensis*, enumeratio plantarum in Brasilia hactenus detectarum quas suis aliorumque botanicorum studiis descriptas et methodo naturali digestas partim icones illustratas 1 (1): 1-154 + 266 + 31 pp.
- Vanzolini, P.E. (1993). As viagens de Johann Natterer no Brasil, 1817-1835. *Papéis Avulsos de Zoologia* 38(3):17-60.
- Vasconcelos, M.F. de. (2009). Saint-Hilaire, desmatamentos e a extinção da arara-vermelha na vertente leste da Cadeia do Espinhaço. *Atualidades Ornitológicas* 139:6-7.
- Wosiacki, W.B. (1990). A contribuição de André Mayer à História Natural no Paraná. IV. Peixes. *Arquivos de Biologia e Tecnologia* 33(4):853-862.
- Zimmer, J.T. (1955). In *memoriam*: Elsie Margaret Binger Naumburg. *Auk* 72(3):265-266.

Hori Consultoria Ambiental: <http://www.hori.bio.br>
Email: fernando@hori.bio.br

Tabela 1. Cronologia resumida dos registros de *Ara chloropterus* e *Ara ararauna* no Paraná até o ano de 1980.

DATA	AUTOR(ES) DO REGISTRO	LOCAL	DIVULGADOR DO REGISTRO
Arara-vermelha (<i>Ara chloropterus</i>)			
Março de 1821	Dominick Sochor	Fazenda Morungaba (Sengés)	Pelzeln (1871)
Agosto de 1849	Camilo Léllis da Silva	Parque Nacional do Iguazu, entre os rios Represa Grande e dos Índios (São Miguel do Iguazu)	Léllis da Silva (1856)
1865	Franz e Joseph Keller	Corredeira das Araras (Rio Tibagi)	Pereira (1942)
1874	Thomas P. Bigg-Wither	Ilha das Araras (Rio Tibagi)	Bigg-Wither (1878)
1 de janeiro de 1876	Telêmaco e Nestor Borba	Rio Tibagi, entre Jataizinho, Ibiporã e Rancho Alegre	Borba (1908)
1900 ou 1901	João Leonardo de Lima e Wilhelm Ehrhardt	Ourinho (= Jacarezinho)	Ihering & Ihering (1901)
Novembro de 1921	Carlos A.T.Coelho Júnior	Corredeira do Ferro (Rio Ivaí)	Coelho-Júnior (1946)
Junho de 1922	Francisco Barros Júnior	Foz do Rio Laranjinha, entre Itambaracá e Santa Mariana.	Barros-Júnior (1945)
14 de janeiro de 1923	Tadeusz Chrostowski e Tadeusz Jaczewski	Porto Xavier da Silva (Rio Ivaí)	Jaczewski (1925), Sztolcman (1926)
19 de abril de 1930	Emil Kaempfer	Guaira (Rio Paraná)	este estudo (AMNH)
19 de maio de 1930	Emil Kaempfer	Porto Mendes (Rio Paraná)	este estudo (AMNH)
Década de 30	Informantes locais	Santa Mariana e Cornélio Procópio	Bornschein & Reinert (2000); Scherer-Neto <i>et al.</i> (2009)
21 de agosto de 1940	Alcides Laffranchi	Paredão das Araras em Porto Camargo (Rio Paraná)	Laffranchi (1958)
1940 ou 1945	Andreas Mayer	Vale do Rio Paraná	Straube & Bornschein (1989)
agosto ou setembro de 1946	Álvaro Aguirre	Porto São José (Rio Paraná)	Aguirre & Aldrichi (19xx)
Fevereiro de 1948	Carlos N.Gofferjé e João José Bigarella	Paredão das Araras em Porto Camargo (Rio Paraná)	este estudo (MHNCI)
Década de 40	Informantes locais	Parque Nacional do Iguazu	Scherer-Neto <i>et al.</i> (2009)
Julho de 1951	Andreas Mayer	Vale do Rio Paraná	Straube & Bornschein (1989)
24 e 26 de janeiro de 1954	Emílio Dente e Dionísio Seraglia	Porto Camargo (Rio Paraná)	Pinto & Camargo (1956)
1968	Pedro Scherer Neto	Rio Tamanduá (Foz do Iguazu)	Scherer-Neto <i>et al.</i> (2009)
Década de 70	Pedro Scherer Neto	Paredão das Araras em Porto Camargo (Rio Paraná)	Scherer-Neto <i>et al.</i> (2009)
Arara-canindé (<i>Ara ararauna</i>)			
Novembro de 1921	Carlos A.T.Coelho Júnior	Corredeira do Ferro (Rio Ivaí)	Coelho-Júnior (1946)
Década de 40	Informantes locais	Parque Nacional do Iguazu	Scherer-Neto <i>et al.</i> (2009)
Fevereiro de 1948	Carlos N.Gofferjé e João José Bigarella	Paredão das Araras em Porto Camargo (Rio Paraná)	este estudo (MHNCI)
1968	Pedro Scherer Neto	Rio Tamanduá (Foz do Iguazu)	Scherer-Neto <i>et al.</i> (2009)
Década de 70	Pedro Scherer Neto	Paredão das Araras em Porto Camargo (Rio Paraná)	Scherer-Neto <i>et al.</i> (2009)
16 de fevereiro de 1980	Jorge B.Nacinovic	Garganta do Diabo, Cataratas do Iguazu	Scherer-Neto & Straube (1995)